

**UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAI**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM**

**O CRISTIANISMO EM C. S. LEWIS  
E A SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO:  
POR UM ESTUDO HISTÓRICO-ENUNCIATIVO DA PALAVRA**

**Daniella Ferraz AmaralMont'Alvão**  
**Orientação: Profa. Dra. Débora Raquel HettwerMassmann**

**POUSO ALEGRE**  
**2013**

**UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM**

**O CRISTIANISMO EM C. S. LEWIS  
E A SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO:  
POR UM ESTUDO HISTÓRICO-ENUNCIATIVO DA PALAVRA**

Trabalho de dissertação, desenvolvido por Daniella Ferraz Amaral Mont'Alvão, sob a orientação da Profa. Dra. Débora Raquel Hettwer Massmann, apresentado à banca de defesa final como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí.

**POUSO ALEGRE**  
**2013**

Deus disse: Nunca ignore sua luta contra a forma Como eu faço as coisas. Pergunte sobre cada dúvida que surgir em seu coração de acordo com o que viver nesse mundo. Mas prepare-se para lutar ainda mais contra minhas respostas.

Larry Crabb

## Agradecimentos

Agradeço à FAI – Centro de Gestão Tecnologia e Educação – pelo constante incentivo acadêmico e efetiva participação no percurso desse mestrado. Especialmente representada pelo seu digníssimo diretor, José Cláudio Pereira, é para mim manancial de bênçãos.

Ao meu esposo, professor Carlos Alberto Mont'Alvão, que apoiou essa pesquisa com uma visão, muito particular, de como Deus poderia usá-la. Sua euforia é contagiante! Caminhar ao lado dele pela estrada estreita é um dos meus grandes privilégios e mais profunda gratidão. Rendo-me aos seus conselhos e à sua liderança.

Aos meus filhos Augusto, Daniel, Davi, que, mesmo sem compreender minhas ausências, aceitaram com amor os limites temporais e emocionais que nos cercaram nesses dois anos de intenso trabalho intelectual.

A minha orientadora, Débora Massmann, que me trouxe questões reflexivas e leituras que capturaram o espírito científico e que abrirão muitos corações, em seu percurso, em direção a ele. Suas sugestões vieram de sua dedicação apaixonada para se render aos temas mais complexos, ou talvez, mais puros e simples. Eu aprecio com profundidade os esforços que fez para apoiar de forma tão afetuosa e paciente o que nós duas acreditamos que Deus nos chamou a fazer. Seu coração cheio de amor é um tesouro, uma bênção para mim e uma alegria para Deus.

Meu maior agradecimento, eu quero expressar de minha própria condição de fiel, de cristã, da perspectiva que em mim é a mais doce e viva relação de sentidos. Seria possível dizer que são sentidos constituídos pelas experiências de minha existência opaca, no sentido de que contém algo que a inteligência não pode significar completamente. Essa realidade opaca não é considerada pelas leis da natureza nem pelas leis do pensamento. Sentidos que decidi buscar e que hoje estão em pleno funcionamento em minhas enunciações.

Pai,

Tu amaste tanto o mundo, que deste teu único Filho para morrer por nossa condição de pecadores, por nossos pecados, para que todo aquele que nele crer não pereça, mas tenha vida eterna. Tua palavra diz que somos salvos pela graça, através da fé, como um presente teu. Nada há que nós possamos fazer para sermos salvos. Eu creio e confesso com a minha boca que Jesus Cristo é teu Filho, o salvador do mundo. Creio que ele morreu em uma cruz, em sacrifício perfeito, entregando-se a si mesmo por mim, pagando o alto preço que me trouxe a paz. Creio em meu coração que Jesus revogou a morte. Ele a venceu. Tu ressuscitaste Jesus dos mortos. De acordo com a tua Palavra, estou salva e vou passar a eternidade contigo! Eu te sou muito agradecida! Em nome de Jesus.

## RESUMO

O estudo das palavras e expressões, que inclui a questão das relações de sentido, constitui-se como investigação relevante para aqueles que se dedicam a observar os fenômenos linguísticos a partir da perspectiva dos estudos da Semântica Histórica, ou Semântica do Acontecimento. Trata-se de ser capaz de mostrar como a significação se reporta a, diz sobre alguma coisa, faz funcionar sentidos nas enunciações. Ao longo do tempo, historiadores e teólogos dedicaram-se a busca por compreender a história dos Cristãos, de seu Cristo e do modo como essas ideias impactaram o mundo e, de certa forma, moldaram a civilização ocidental permeada, durante séculos, pelo que ela mesma designou: Cristianismo. Contudo, é pertinente indagar em meio a tantas vozes: quem é esse locutor que diz *cristianismo*, qual é o seu lugar de dizer? Quais são as relações constituídas na enunciação *desse locutor*, de que lugar ele diz? Essas questões relacionam-se fortemente com o próprio percurso do autor irlandês Clive Staples Lewis, escolhido, nessa reflexão como a voz que se pretende, atentamente, ouvir. Observou-se uma curiosa cronologia de seus modos de significar, de suas reflexões. Além da vasta erudição, do reconhecimento acadêmico e literário, esse autor exerceu ampla influência como pensador cristão, escrevendo diversas obras a respeito. Ele mesmo afirmou que sua respeitada literatura cristã devia - se, em parte, ao fato de ele ter sido, por muitos anos, um pensador não cristão, cujo percurso vai do realismo popular ao idealismo filosófico, do idealismo para o panteísmo, do panteísmo para o teísmo e do teísmo para o Cristianismo. Essa pesquisa propõe observar nos recortes textuais da obra de C. S. Lewis, *Cristianismo Puro e Simples*, como os sentidos são construídos e se constituem pelas relações de determinação entre as palavras ao longo dos enunciados, que são tomados aqui como unidades de análise, segundo os fundamentos teóricos da Semântica do Acontecimento. Assim, busca-se responder a seguinte questão: que sentidos estão funcionando nos enunciados em análise e como podem constituir o “cristianismo puro e simples”, face ao contraste entre olhar “para” e olhar “com”, nas enunciações que constituem esses textos, escritos por C. S. Lewis como apontamentos que pretenderam colaborar para compreensão daquilo que creem os cristãos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cristianismo; Semântica do Acontecimento; Enunciação; Sentido.

## ABSTRACT

The study of words and expressions, which includes the issue of relations of sense, it constitutes as research relevant to those who dedicate themselves to observe the linguistic phenomena from the perspective of the studies of Historical Semantics, or Semantics of the Event. It is to be able to show how the meaning relates to, says about anything, makes working senses in enunciations. Over time, historians and theologians devoted themselves to search for understanding the history of Christians, of his Christ and how these ideas have impacted the world and, in a certain way, shaped the western civilization permeated, for centuries, by which she herself has appointed: Christianity. However, it is worth asking in the midst of many voices: who is this speaker that says *Christianity*, what is your place to say? What are the established relations in enunciation of *this speaker*, of which place he says? These issues relate strongly with your own path of Irish author Clive Staples Lewis, chosen, in this reflection as the voice that if you want to very carefully, listen. It was observed a curious chronology of their modes of mean, of his reflections. Apart from the vast erudition, of academic recognition and literary, this author has exercised wide influence as Christian thinker, writing several works to respect. He even said that his respected Christian literature should - if, in part, to the fact that he has been, for many years, a non-Christian thinker, whose route goes from realism popular philosophical idealism, the idealism to pantheism, the pantheism for theism and and theism to Christianity. This research proposes observing the cutouts textual work of C. S. Lewis, *Christianity Pure and Simple*, as the meanings are constructed and whether they constitute by relations of determination between the words over the listed, that are taken here as units of analysis, according to the theoretical foundations of the Semantics of the Event. Thus, it tries to answer the following question: which senses are functioning in listed in analysis and how can constitute the "Christianity pure and simple", given the contrast between gaze "for" and look at "with", in enunciations that constitute these texts, written by C. S. Lewis as accents who wanted to collaborate for understanding of what Christians believe.

**Keywords:** Christianity; Semantics of the Event, Enunciation, Sense.

## SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	9
RETROCEDER PARA AVANÇAR .....	13
1. <i>Antecedentes: raízes e solo judeus</i> .....	13
2. <i>Que amor é esse?</i> .....	19
CAPÍTULO I.....	24
CLIVE STAPLES LEWIS, UMA FRONTEIRA CRUZADA.....	24
1.1 <i>Era uma vez um menino</i> .....	Erro! Indicador não definido.
1.2 <i>Onde estão os pés, lugares de pensar</i> .....	25
1.3 <i>Filosofia para meninos e questões para uma vida</i> .....	29
CAPÍTULO II .....	41
SOBRE SENTIDO E SIGNIFICAÇÃO: UM PERCURSO SEMÂNTICO.....	41
2.1 <i>A Ciência das Significações</i> .....	41
2.2 <i>Vista d'olhos sobre a significação em Bréal e Saussure</i> .....	42
2.3 <i>A significação em Benveniste</i> .....	46
2.4 <i>Lugares de observação: modos de ver, modos de pensar</i> .....	50
2.4.1 Procedimentos Analíticos: Reescrituração .....	52
2.4.2 Procedimentos Analíticos: Articulação.....	53
2.4.3 Para representar o sentido das palavras: o DSD.....	554
CAPÍTULO III.....	58
RECORTES, DESCRIÇÕES E ANÁLISES .....	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
REFERÊNCIAS .....	93



## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A expulsão do paraíso foi a colocação do homem na História. No âmbito da linguagem, o que pertence à ordem da história é o discurso. Ora, como se passa deste àquele? Com a enunciação; temporalizando, especializando e actorializando a linguagem. Com a maldição da primeira queda, o homem foi submetido às coerções dessas que são as três categorias enunciativas. Colocar o homem na história é anunciá-lo. (FIORIN:2005)

O espaço dessas considerações será preenchido por um relato bastante pessoal, porém, fortemente comprometido em descrever o lugar de observação do qual se lançou uma semente nos campos de domínio da Semântica do Acontecimento e que fez nascer, como fruto, essa pesquisa. O percurso de busca, que esse escrito irá descrever, iniciou-se muito tempo antes que eu estivesse efetivamente engajada e filiada a perspectivas teóricas que me permitissem trilhá-lo. Iniciou-se com uma indagação que me inquietava sempre que via, lia, ouvia a palavra “Cristianismo”. Não havia ainda a formulação de uma questão de pesquisa em si, mas havia uma pergunta direta, cujas respostas, para mim, não poderiam ser evasivas ou superficiais, pelo menos se consideradas as proporções culturais, espirituais e pessoais que cercavam essa questão. A pergunta era: “Quem é Cristo?”.

Parece bastante simples que se mencionem os efeitos desse nome sobre a sociedade ocidental, afinal, a divisão está posta na história: “a.C” e “d.C”. No entanto, o litígio também está posto, uma vez que, muitos têm o cristo em questão como seu deus, que veio ao mundo, em forma de homem, para salvá-los, filiados a uma determinada vertente espiritual; mas, muitos o têm como “algo” ou “alguém” cuja importância não ultrapassa os limites dos séculos de registros, até mesmo pouco confiáveis, de nossa história. Ocorre ainda, que alguns de nós não sabemos o que pensar sobre o nome cristo e há certas evidências de que damos a esse fato uma importância bastante discreta, talvez, pela consideração de muitos estão fartos de abstrações ou mitos que não lhes dizem respeito, que funcionavam nas sociedades passadas para justificar fatos para quais, hoje, a ciência oferece respostas. Mesmo que nossas rotinas sejam regidas pelo que conhecemos como Calendário Cristão, o

assunto “Cristianismo”, assim, repleto de diferentes perspectivas, quanto ao *cristo* em sua designação, está confortavelmente instalado no território da fé, portanto, sobre o que não se discute.

O estudo das palavras e expressões, que inclui a questão das relações de sentido, é de grande relevância para aqueles que se dedicam a observar os fenômenos linguísticos a partir da perspectiva semântica. Trata-se de ser capaz de mostrar como a significação se reporta a alguma coisa, diz sobre alguma coisa, faz funcionar sentidos daquilo que acontece enunciativamente. Para Guimarães, abre-se de imediato o diálogo com a análise e teoria do discurso, com a compreensão de que enunciar é determinado socialmente (GUIMARÃES:2008) e, quanto ao enunciado, a posição que se toma aqui, é segundo o que se lê:

Procuraremos refletir na perspectiva aberta pela análise de discurso, (Pêcheux (1969, 1975), Henry (1977), Orlandi (1983, 1988) e outros), sobre que papel tem na sua constituição: o ser elemento de uma prática social; seu caráter discursivo (ser unidade de sentido); seu sentido; sua relação com o sujeito; sua relação com o mundo; sua relação com outros enunciados; sua materialidade física. Assim, consideraremos o enunciado como uma unidade discursiva. (GUIMARÃES :2008, p. 73)

Pode-se tomar como elemento fundamental para essas considerações, a relação das palavras com algo que está fora delas, como também sendo uma construção de linguagem. Ainda segundo Guimarães, só é possível pensar na relação entre uma palavra e o que ocorre em virtude da relação de uma palavra com outra palavra (Guimarães 2007: p.77).

A perspectiva, descrita acima, permitiu-me pensar outros modos de significação, outras relações. Com uma visão mais ampla sobre a questão, a pergunta que me inquietava, começou uma longa metamorfose. Qual é o real ao que o dizer se expõe ao falar dele? Não se trata de um contexto, trata-se da materialidade histórica do real; “não se anuncia enquanto ser físico, nem meramente enquanto no mundo físico. Enuncia-se enquanto ser afetado pelo simbólico e num mundo vivido através do simbólico” (GUIMARÃES: 2007, p.2004). Soma-se a essas considerações a noção de temporalidade do

acontecimento linguístico que recorta outros memoráveis que sustentam as teias de sentido e podem fazer significar, naquele acontecimento, algo diferente de si mesmo. Quem é esse locutor que diz *cristianismo*, qual é o seu lugar de dizer? Quais são as relações constituídas na enunciação *desse locutor*, desse lugar de dizer? Essas questões relacionam-se fortemente com o próprio percurso de Lewis, descrito nos dizeres abaixo. Observe-se a curiosa cronologia de seus modos de significar, de suas reflexões: “Do ponto de vista intelectual, meu progresso se dera do realismo popular para o idealismo filosófico; do idealismo para o panteísmo, do panteísmo para o teísmo e do teísmo para o cristianismo.” (LEWIS:1927, p. 286)

Tais questões, amparadas pela definição de uma perspectiva teórica e de um método de análise, permitiram a constituição de um *corpus* de pesquisa: recortes da obra “Cristianismo Puro e Simples”, de Clive Staples Lewis, nos quais a palavra *cristianismo* aparece.

Meu interesse por C. S. Lewis, doravante assim referido, vem da infância, das lembranças dos adultos que liam para mim as histórias fantásticas entre o bem e o mal repletas de seres extraordinários e crianças inteligentes vivendo incríveis aventuras entre a magia e a realidade. Essas histórias foram reunidas na coleção “As crônicas de Nárnia”, que apresenta sete livros escritos por esse autor, a partir de 1949, que são considerados clássicos da literatura de língua inglesa. Recentemente, foram adaptadas para o cinema e se tornaram mais conhecidas por três de seus episódios: *O Leão, A Feiticeira E O Guarda-Roupa, Príncipe Caspian e A Viagem do Peregrino da Alvorada*.

É assim, seduzida pelos modos de dizer de C. S. Lewis, que, na busca por seus escritos, deparei-me com um conjunto de textos deste autor que tocam no tema que sempre permeou minhas reflexões, meus questionamentos... e, porque não dizer, minha busca em compreender os mistérios, as lacunas da fé e do universo religioso, suas questões, suas filiações... o cristianismo enfim. É pois o cristianismo que coloco como objeto central nesta pesquisa, visto agora pelo viés das ciências da linguagem. Para refletir sobre o cristianismo, a partir deste domínio científico, faz-se necessário retomar alguns elementos de sua história conforme o que se apresenta na sequência desta reflexão. Feitas essas considerações iniciais, convido-os

assim a entrar no mundo de C. S. Lewis e a percorrer os sentidos da palavra “cristianismo” na obra deste autor.

# RETROCEDER PARA AVANÇAR

## 1. *Antecedentes: raízes e solo judeus*

Foi em Antioquia que, pela primeira vez, os seguidores de Jesus foram chamados de cristãos. (At: 11.26)

Mas, se alguém sofrer por ser cristão, não fique envergonhado, mas agradeça a Deus o fato de ser chamado por esse nome. (1Pe: 4:16)

Segundo o livro de Atos, no capítulo onze, versículo vinte e seis, os discípulos e outros seguidores de Jesus ficaram conhecidos como “cristãos, o que significava, literalmente, pertencer ao grupo de Jesus” (ALMEIDA: 2005). Em Antioquia, uma região do Império Romano, pouco desenvolvida e afastada, os seguidores de Cristo tinham sido reconhecidos como um grupo que se apresentava como distinto de outros diversos grupos das sociedades formadas no primeiro século. O que os especificava eram seus hábitos, sua postura para com os demais, membros ou não do grupo, e os fatos que relatavam como verdade, sobre os quais estava fundamentada a fé que testemunhavam e as notícias que anunciavam: a morte e a ressurreição de seu mestre, Jesus, e, justamente por esses fatos, morte e ressurreição, designado “O Cristo” (posteriormente será explorada a gênese referencial da palavra cristão). Ainda hoje, os seguidores de Jesus são chamados de cristãos significando que eles se unem com outras pessoas que creem em Jesus Cristo. Pode-se ler, para essa reflexão, o significado exegético e expositivo da palavra cristão, segundo o “Dicionário Vine”<sup>1</sup>:

*Christianos*, “cristão”, palavra formada segundo o estilo romano, cujo significado é partidário de Jesus. Foi aplicado primeiramente aos tais pelos gentios e é encontrado em At 11:26; 26:28; 1Pe 4:16. Embora a palavra traduzida em At 11:26 por “foram chamados” possa referir-se a um nome adotado pela própria pessoa ou dado por outros, parece que nos dias dos apóstolos, os cristãos não o adotaram por si mesmos. Em 1Pe 4:16, o apóstolo Paulo está falando do ponto de

---

<sup>1</sup>O “Dicionário Vine” é referência para os estudos de linguística e de filologia sacras por apresentar um magistral léxico que dá acesso às palavras hebraicas e gregas que compõem o vocabulário do Antigo e do Novo Testamento.

vista do perseguidor. Nem é provável que o título tivesse sido dado pelos judeus. Sendo aplicado por gentios, não havia dúvida de haver a implicação de desprezo, como na declaração de Agripa, em At 26:28. Tácito, escrevendo perto do fim do século primeiro disse: “o vulgo os chama cristãos. O autor ou origem dessa denominação, *Christus*, tinha no reinado de Tibério sido executado pelo procurador Pôncio Pilatos” (Anais XV, p.44). A partir do século II em diante, o termo foi aceito pelos crentes como título de honra. (VINE et al: 2010 p.522)

A questão da compreensão desses dizeres remete ao gesto analítico da paráfrase que permite percorrer o texto considerando que outro texto nele funciona como elemento a ser explicado, comentado, justificado e que, por isso e dessa maneira, o reescreve fazendo significar. Assim, proponho um movimento de leitura que expande o texto bíblico fazendo funcionar dentro dele os dizeres do Dicionário Vine. Teríamos o seguinte texto a ser lido:

Se alguém sofrer por ser cristão

(ser chamado por esse nome)

(o vulgo os chama cristãos)

(os cristãos não adotaram esse nome por si mesmos)

Não fique envergonhado

(não há dúvida de haver implicação de desprezo)

Agradeça a Deus o fato de ser chamado por esse nome

(o termo foi aceito pelos crentes como título de honra)

Como se pode observar, explode aqui uma relação de sentido tecida na concordância de que há uma determinação funcionando enunciativamente a partir dos dizeres: “foram chamados”, “sendo aplicado”, “os chama”, “ponto de vista do perseguidor”, que é fundamental para compreender a direção daquilo que está significado para esses locutores nesses textos.

Ampliando a dimensão dos sentidos produzidos no e pelo funcionamento da linguagem em que a palavra **cristianismo** é significada nos recortes da obra *Cristianismo puro e simples*, conforme essa pesquisa se configura, proponho olhar para o modo como o título dessa obra faz funcionar a noção de que pode haver um cristianismo outro; um cristianismo que não é simples, que não é puro. Essa via pode ser pensada a partir do litígio que se coloca em ambos os textos presentes na perspectiva de leitura expandida proposta acima.

Quem está dizendo “cristão”? De que “cristianismo” se está falando? O cristianismo puro e simples pode ser pensado como aquele que é significado pelos próprios cristãos contrapondo-se ao cristianismo outro (não simples, não puro) determinado pelo ponto de vista do perseguidor?

Ao longo do tempo, historiadores e teólogos dedicaram-se a busca por compreender a história dos cristãos, de seu cristo e do modo como essas ideias impactaram o mundo e, de certa forma, moldaram a civilização ocidental permeada, durante séculos, pelo que ela mesma designou: Cristianismo. De todas as personalidades históricas, vivas ou mortas, Jesus é a mais influente. Seu nascimento foi considerado o acontecimento de maior relevância, com a pertinência capaz de dividir dois períodos históricos no ocidente. Ao ser criada a cronologia, hoje adotada, escolheu-se o ano presumido desse nascimento como o primeiro. Ainda hoje, vários aspectos da chegada de Jesus ao mundo, de sua vida e de sua morte permanecem envoltos em mistério e divergências. No entanto, é inegável que ele exerceu profunda influência na história da humanidade.

As considerações, apresentadas aqui, justificam-se pela contribuição que se pretende oferecer com essa pesquisa, que se constitui, sobretudo, pela investigação dos sentidos produzidos no e pelo funcionamento da linguagem na medida em que a palavra “cristianismo” é reescrita e ressignificada pelo acontecimento do dizer. Tomam-se como corpus de análise, diferentes recortes retirados da obra “Cristianismo Puro e Simples”, escrita por C. S. Lewis, autor denominado por alguns de seus leitores como “apóstolo dos cétricos”.

Descrever e analisar os sentidos produzidos em torno do nome “cristianismo”, buscando compreender a que memória de sentidos essa designação se filia, é o objetivo específico dessa pesquisa. Pretende-se também estabelecer, a partir dos procedimentos analíticos, descritos posteriormente, uma rede de sentidos ligados ao cristianismo que podem ser percebidos através do Domínio Semântico de Determinação (GUIMARÃES: 2007). Busca-se ainda engendrar uma perspectiva crítica quanto aos dizeres do discurso religioso e compreender como se constitui o sentido no acontecimento enunciativo e, assim, identificar a direção possível da significação da expressão: “cristianismo”. Uma conexão de sentidos é, então,

construída, como uma teia, e o enunciado é tomado como unidade de sentido integrada ao texto.

Para avançar, com a perspectiva descrita e na direção da busca pela compreensão do sentido em funcionamento, faz-se necessário retroceder. Isso se diz em face da questão de que o cristianismo, há dois mil anos, tem sido significado como a “igreja” que constituiu ou decretou fim a muitas formas de pensar, sobretudo àquelas que se estabeleceram no mundo moderno. Percorrer esses efeitos requer que se considerem suas causas ou, pelo menos, que se possam identificar suas origens. No cenário dos fatos históricos, importa saber como um homem que viveu há dois mil anos, não ocupou cargo público nem era rico, nunca visitou um lugar que ficasse a mais de dois dias de distância do local onde nasceu, possa ter exercido tanta influência com seus ensinamentos, profecias, conselhos, parábolas, seu julgamento e sua morte.

Jesus era judeu, em raça, cultura e religião. O termo judeu vem de Judá, território que ocupava metade da estreita faixa de terra à margem do Mar Mediterrâneo, há muito conhecida como Palestina. Os ancestrais de Jesus tinham vivido em outro lugar. Tradicionalmente eram conhecidos como hebreus, cujo significado etimológico é “povo que atravessou”. Vivessem onde vivessem, esse povo considerava Jerusalém a “Terra Prometida” a eles por seu Deus. Em 63 a.C., os romanos invadiram a Palestina. Sendo eles donos do maior e mais diverso império do mundo, conferiam certa liberdade às colônias, desde que fossem submissas ao governo romano e pagassem seus impostos. O líder local, da época que se considera o nascimento de Jesus, foi Herodes, a quem os romanos delegaram poder, deram o título de rei e concederam considerável liberdade religiosa. Assim, com seu território ocupado por um pequeno exército romano, os Judeus mantiveram sua cultura e religião. Na medida do possível, ignoravam os deuses romanos e dispensavam apenas o respeito formal ao imperador, cada vez mais adorado como um deus pelos que o cercavam. Notavelmente, os Judeus mantiveram suas próprias regras e o dia-a-dia desse povo era governado por poderosas tradições.

As expectativas do povo judeu quanto à chegada de um messias, que iria libertá-lo do jugo romano, segundo os profetas semitas, nos dias de Cristo, eram diversas, mas o entendimento que o próprio Jesus tinha sobre sua missão messiânica não se harmonizava com as ideias da época. Com o



crescimento do nacionalismo, muitos Judeus almejavam por um rei vitorioso, da estatura de Davi, que viria e derrotaria os dominadores romanos. Outros esperavam um monarca que fosse sábio e demonstrasse a sabedoria e a glória do próprio Deus sobre si, como Salomão. Outros insistiam na ideia de que ele introduziria “os últimos dias”. Todos, entretanto, tinham em comum o pensamento de que o messias teria um reino político, de alguma forma.

Jesus, por outro lado, interpretou o conceito de messias à sua própria maneira. Infere-se essa reflexão de sua relutância em usar, ele mesmo, o nome “Cristo”, embora não tenha negado o título. A esse respeito, torna-se relevante o que se lê abaixo:

Jesus foi para uma região que fica perto de Cesareia de Felipe, ali perguntou aos discípulos: Quem o povo diz que o filho do homem é? Eles responderam: Alguns dizem que o senhor é João Batista; outros, que é Elias; e outros, que é Jeremias ou algum outro profeta. Então, Jesus perguntou: E vocês? Quem vocês dizem que eu sou? Simão Pedro respondeu: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. Jesus afirmou: Simão, filho de João, você é feliz porque esta verdade não foi revelada a você por nenhum ser humano, mas veio diretamente de meu Pai, que está no céu. Portanto, eu lhe digo: você é Pedro, e sobre esta Pedra construirei a minha igreja e nem a morte poderá vencê-la. (SBB:2011, p.1063)

Nesse texto, é pertinente a observação de que o apóstolo Pedro, segundo as palavras de Jesus, teve a *revelação*, significada nesse dizer como espiritual, uma vez que tenha sido dada por Deus, que está no céu, de que Jesus é *O Cristo*, ou seja, o messias, o filho do próprio Deus. A palavra hebraica “messias” corresponde a palavra grega “cristo”. Nota-se ainda que, nos dizeres seguintes, a palavra *verdade* designando a informação dada por Deus a Pedro aparece reescriturada pela palavra “pedra”. Essa consideração permite que a direção do sentido caminhe para a compreensão de que a própria revelação, isto é, compreender que Jesus é *o Cristo*, portanto, que Jesus é *o Messias*, é a *pedra* sobre a qual a igreja será edificada.

Segundo o teólogo, Jack w. Hayford, a pedra não é Pedro, como indivíduo, pois Jesus substituiu *pedra*, uma pedra fundamental ou grande, por *petros*, um fragmento de pedra, um pedregulho. (ALMEIDA: 2001) Isso que permite a compreensão de que a igreja é formada por *pedras pequenas* que compartilham a natureza da *pedra* (Jesus) por sua filiação a ele, por sua fé na revelação de que ele é o Cristo. Nessa linha de interpretação, acredita-se que

Pedro, portanto, seria o primeiro de muitas pedras de construção da igreja, como corpo de Cristo. Pode-se observar, além disso, o fato de que a palavra *cristão*, conforme já mencionei nas considerações anteriores, aparece como uma designação dos que seguem a Cristo e são conhecidos como “pequenos cristos”.

É interessante notar que, imediatamente após a declaração de Pedro, que se leu acima, na qual ele diz a Jesus: “Tu és o Cristo”, Jesus, então, passou a ensinar-lhes que importava que o “Filho do Homem”, expressão com a qual Jesus se referia a si mesmo, sofresse muitas coisas, fosse rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas, fosse morto e que, depois de três dias, ressurgisse. (ALMEIDA: 2001). As características descritas nesse relato de Jesus confirmam a direção de sentido para a palavra Cristo/messias. Jesus relutou em falar sobre si mesmo como *O Cristo* até que completasse a obra messiânica. As pessoas reconheceram-no, gradualmente, como messias, na medida em que testemunhavam suas palavras e suas obras, mas, acima de tudo, depois dos relatos a respeito da ressurreição dentre os mortos. O nome “Cristo”, aos poucos começou a ter menos sentido que o vocábulo “Jesus”, a designação de um nome próprio, mas seu significado original é essencial para a compreensão da pessoa que se descreve nas escrituras como “Filho de Deus” porque esse é o princípio da fé cristã: que Jesus cumpriu as promessas do Antigo Testamento como “ungido” e que revelaria o espírito e a sabedoria divina em seu domínio e governo, conforme se lê no capítulo onze do livro de Isaías, na Bíblia Judaica:

No entanto, um ramo emergirá do troco de Yishai, um broto crescerá de suas raízes. O Espírito de Adonai repousará sobre ele, o espírito de sabedoria e entendimento, o espírito de conselho e poder, o espírito de conhecimento e temor de Adonai. (Tanakh: 2010)

O vocábulo combinado “Jesus Cristo” ocorre apenas cinco vezes nos evangelhos, mas, no restante do Novo Testamento, torna-se a principal designação ocorrendo 127 vezes. A palavra grega *Christos* foi usada para traduzir o termo hebraico *mashiach* que significa “ungido” ou “messias”. Esse termo hebraico descreve diferentes pessoas que foram ungidadas (geralmente com azeite derramado sobre elas) para executar alguma tarefa, algum

propósito específico. Foi o conceito da unção dos reis e sacerdotes judeus que ofereceu a base principal para o uso da palavra “cristo” nas escrituras. Observa-se que o título foi expressamente aceito pelo próprio Jesus na conversa que teve com a mulher samaritana, narrada no evangelho de João:

Jesus disse: - Mulher, creia no que eu digo: chegará um tempo em que ninguém adorará a Deus nem nesse monte nem em Jerusalém. Vocês, samaritanos, não sabem o que adoram, mas nós sabemos o que adoramos porque a salvação vem dos judeus. Mas virá o tempo, e, de fato, já chegou, em que os verdadeiros adoradores vão adorar o Pai em espírito e em verdade. Pois são esses que o Pai quer que O adorem. Deus é Espírito, e, por isso, os adoradores devem adorar em espírito e em verdade. A mulher respondeu: - Eu sei que o Messias, chamado Cristo, tem de vir. E, quando ele vier, vai explicar tudo para nós. Então, Jesus afirmou: - Pois eu, que estou falando com você, sou o Messias. (ALMEIDA: 2001, p. 1075)

## **2. Que amor é esse?**

Quando o cristianismo diz que Deus ama o ser humano, isso quer dizer que Deus realmente ama o ser humano. Não que ele tenha alguma preocupação desinteressada com nosso bem-estar. Não como um velho bondoso e solene desejoso de que você seja feliz à sua própria maneira, nem como filantropia fria de um magistrado consciente. Trata-se do próprio fogo consumidor: o amor que criou o mundo; persistente como o amor de um artista por sua obra; autoritário como o amor de um homem por seu cachorro; providente e venerável como o amor de um pai por seu filho; ciumento, inexorável, exigente como o amor entre os amantes. Como isso deve acontecer, eu não sei. Extrapola nossa capacidade racional. Vai além dos nossos desertos e dos nossos desejos. (LEWIS: 2005)

Ao entendimento tradicional cristão a respeito do universo, do nosso lugar nele, e dos sentidos que nos circulam diversos aspectos teológicos e religiosos do cristianismo, Clive Staples Lewis, autor do enunciado que introduz essa seção, faz funcionar, por seus dizeres, outras noções, outra perspectiva. Como se leu acima, para esse autor, o cristianismo parece ser Deus expressando-se a si mesmo por meio do que denominamos “coisas reais”. Tais considerações justificam meu interesse como semantista em percorrer os caminhos que engendram esses sentidos outros. Que relações linguísticas

oferecem materialidade para constituir de modo tão surpreendente e inovador o que circula cristalizado em nossa esfera social, cultural, espiritual?

Empreendeu-se uma busca por essa resposta, primeiramente, como leitora curiosa e atenta, em meus próprios “lugares de entender”; depois, como pesquisadora no domínio das Ciências da Linguagem, especificamente, com a perspectiva do lugar teórico consolidado pela Semântica do Acontecimento, que se constitui em diálogo com a Análise de Discurso de linha francesa. Olhares desse lugar só então lançados sobre um foco, sobre um objeto de pesquisa, levaram-me ao estudo da palavra “cristianismo” nos acontecimentos enunciativos, recortados para essa pesquisa, da obra “Cristianismo Puro e Simples”, na qual o referido autor expõe de modo singular a trajetória de seus pensamentos sobre esse tema. O foco destes olhares de analista são orientados considerando-se que:

O discurso não é um conjunto de textos, é uma prática. Para se encontrar sua regularidade não se analisam seus produtos, mas os processos de sua produção. Há um sistema de regras que define a especificidade da enunciação: há uma dispersão de textos, mas o seu modo de inscrição histórica permite defini-la como um espaço de regularidades enunciativas. (ORLANDI, GUIMARÃES:1988,p.18)

Assim sendo, o modo singular com que o autor engendra seus textos pode ser refletido, até mesmo, por sua gênese, pois o livro nasceu na forma de palestras radiofônicas dirigidas aos londrinos, na década de 1940.

O conteúdo do livro, *Cristianismo puro e simples*, surge, originalmente, na forma de programas de rádio, atendendo ao convite desafiador de responder a seguinte pergunta: “o que é ser cristão?”. Durante a Segunda Guerra Mundial, a BBC<sup>2</sup> convidou C. S. Lewis para fazer uma série de palestras com o objetivo de confortar os ouvintes num tempo de guerra e de incertezas. Considerando-se o enunciado a unidade de sentido, nessa medida, ele se caracteriza como elemento de uma prática social, a saber, segundo Guimarães, “prática social e que inclui uma relação com posições do sujeito e seu sentido se configura como um conjunto de formações imaginárias do

---

<sup>2</sup>A **British Broadcasting Corporation** ("Corporação Britânica de Radiodifusão", mais conhecida pelo acrônimo **BBC**), é uma emissora pública de rádio e televisão do Reino Unido fundada em 1922.

sujeito e seu interlocutor e do assunto de que se fala.” (GUIMARÃES:2008, p.73)

Além dos limites temporais e geográficos, de determinadas condições de produção, deve-se observar que os sentidos que C. S. Lewis apresenta e as questões que abraçou continuam presentes, circulantes e cristalizados, mesmo em face das mudanças histórico-sociais, nas esferas em que se fazem reescritos e, portanto, (re)significados por seus leitores.

Lewis destacou-se como professor de Literatura Medieval e Renascentista, em Cambridge; foi um dos acadêmicos mais aclamados de sua geração. Professou o ateísmo e sentiu a força de seus argumentos. Sua jornada espiritual foi marcada pela morte precoce da mãe, por um estranhamento duradouro em relação ao pai, pelo acentuado racionalismo, intensificado pelo convívio com excelentes mentores, pela atração que sentia pelo oculto, pelo insondável, pela paixão pelo simbólico, pela violência surreal do combate em trincheiras na França, durante a Primeira Guerra, e pela busca contínua de algo que denominava “alegria”. Seus livros cristãos são pungentes justamente por causa desses fatos. Dentre eles, o mais popular, referido acima, constitui o corpus dessa pesquisa.

De acordo com Downing , (DOWNING:2006) Lewis foi um ateu militante que desenvolveu uma série de argumentos contra a fé aos quais mais tarde responderia em seus livros e ensaios cristãos. Dados como esses, que figuram em sua biografia, apresentam-se relevantes para essa pesquisa, por isso, o capítulo I, é inteiramente dedicado aos cenários de vida pessoal e profissional nos quais são tecidas as redes de sentido de seus lugares de pensar e de dizer.

Além da vasta erudição e lúcido estilo literário, a profundidade intelectual e a ampla influência de Lewis como pensador cristão, devem-se, em parte, pelo fato de ele ter sido, por muitos anos, um pensador não cristão. Essa pesquisa propõe observar nos recortes textuais da referida obra de C. S. Lewis, como os sentidos são construídos e se constituem pelas relações de determinação entre as palavras ao longo dos enunciados, que são tomados aqui como unidades de análise, segundo os fundamentos teóricos da Semântica do Acontecimento. Assim, busca-se, através desse estudo, responder a seguinte questão: que sentidos estão funcionando nos enunciados em análise e como podem

constituir o “cristianismo puro e simples”, face ao contraste entre olhar “para” e olhar “com”, no dizer engendrado por C. S. Lewis nos textos que compõem a obra *Cristianismo puro e simples?*

Segundo o próprio autor, a contribuição que pretende oferecer com esse livro é apresentar um cristianismo central ou simples (LEWIS:2005, p.10). Lewis pretende mostrar que, mesmo diante de tantas divergências de fé, há entre os cristãos algo que ressoa em uma só voz. Descobrir em que consiste de fato o “ser cristão”, é uma questão de grande relevância teórica e prática num mundo em que circulam discursos persuasivos e sujeitos agenciados por práticas pouco refletidas.

Por não exercer atividades pastorais, C. S. Lewis sofreu objeções quanto ao uso que fazia da palavra: “cristão”. Interessa-nos observar como a resposta, dada por ele a essa questão, sinaliza um fértil terreno de investigação nos domínios das Ciências da Linguagem. O próprio C. S. Lewis apresenta a questão ao considerar o sentido posto, ou constituído pelo acontecimento do dizer que, em contínuo deslocamento, produz sentidos inesperados. Segundo o autor:

Tentarei esclarecer o assunto a partir da história do uso de outra palavra, muito menos importante. Originalmente, a palavra *gentleman* tinha um significado evidente o gentil-homem exibia um brasão e era senhor de terras. Quando dizíamos que alguém era um *gentleman* não lhe estávamos fazendo um elogio, mas simplesmente reconhecendo um fato. Se disséssemos de um outro que não era um *gentleman*, não o estaríamos insultando, mas dando uma informação a seu respeito. Não havia contradição alguma em chamar John de mentiroso e de *gentleman*; assim como não há em dizer que James é um tolo e um bacharel. (...) Não cabe a nós dizer quem, no sentido mais profundo, está próximo do espírito de Cristo, pois não temos o dom de sondar os corações humanos. Não nos cabe julgar. Aliás, nos é proibido julgar. (...) "A questão não é teológica, nem moral, mas somente de usar as palavras de forma que todos possamos entender o que elas significam." (LEWIS: p.19).

Assim, com base nas palavras do autor, inicia-se a abordagem temática pela questão linguística como lugar de formulação e de projeção de sentidos. Dessa forma, o real é compreendido a partir das formas pelas quais ele pode ser identificado, formas que podem nomear e, portanto, significar. Eis o ponto sobre o qual se sustenta o estudo que se propõe realizar com essa pesquisa.

Como já foi assinalado acima, no capítulo 1, apresento alguns aspectos da biografia de C. S. Lewis que julgo relevantes para o entendimento do locutor autor, que fala de certos lugares e não de outros, que tem certos interlocutores e não outros, sendo, assim, uma figura política que constitui e é constituída por seus lugares de dizer, por seus enunciadores. Em Lewis, há um percurso muito particular em direção ao seu “Cristianismo Puro e Simples”, ou seja, escrever uma obra sobre cristianismo é o que, grosso modo, vou chamar de resultado de uma jornada de vida que vai do ateísmo ao teísmo até chegar a Cristo.

No capítulo 2, exponho a perspectiva teórica a partir da qual o objeto de pesquisa é observado e os métodos adotados para proceder às análises que se apresentam no capítulo 3. Após esse percurso, encerra-se o registro com as respostas obtidas e as considerações finais.

# CAPÍTULO I

## CLIVE STAPLES LEWIS, UMA FRONTEIRA CRUZADA

Os escritos hebraicos observam um equilíbrio admirável, uma vez que Deus disse, simplesmente, “EU SOU O QUE SOU” proclamou o mistério da auto existência. Inúmeras vezes, porém, Ele diz: “EU SOU O SENHOR”, isto é, Eu, o Fato Supremo, tenho esse caráter. E os homens são exortados a conhecer ao Senhor, a fim de descobrir e provar esse caráter. (LEWIS:2006)

### ***1.1 Era uma vez um menino...***

Este capítulo trata de aspectos da vida de Clive Staples Lewis que instigaram meu interesse face às questões sobre as quais proponho investigar, especialmente, as que estabelecem as condições para tratar a questão do sentido, na perspectiva enunciativa, da palavra “cristianismo” nos textos do referido autor, selecionados para essa pesquisa.

Embora sejam percebidos muitos aspectos relevantes, sobretudo para acadêmicos, estudiosos e apreciadores de literatura a serem investigados nos relatos biográficos a respeito do referido autor, detenho-me, segundo os interesses dessa pesquisa, a explorar as matizes de um antigo dizer comum que assegura ter em qualquer biografia algo de ficção e em qualquer ficção, algo de biográfico.

Como pretendo demonstrar, em seus escritos, Lewis, doravante assim referido, oferece aos leitores marcas de um funcionamento linguístico, tecidas nas teias de sentido que se estabelecem através de descrições, do modo como engendra composições mosaicas de características humano-ficcionais, dos ambientes, tanto reais quanto imaginários, configuradas de modo bastante particular, afetadas pela força de suas dúvidas, de suas convicções, de sua personalidade autoral e de seus modos de dizer. Configurando mais que cenários para o desenrolar de suas narrativas, o que neles está, deles emerge. O escrito, que se define como ficção, dialoga, nele mesmo, pelas palavras que o constituem, com a realidade do homem que escreve.

Essa reflexão nasce da seguinte aproximação: o capítulo primeiro de “A viagem do Peregrino da Alvorada”, traz a seguinte frase de abertura: “Era uma



vez um garoto chamado Eustáquio Clarêncio Mísero, e ele quase merecia isso.” (Lewis:2009,p.403). Encontra-se aí uma semelhança com o dado biográfico publicado no trabalho de David Downing, sobre a vida e a obra de Lewis, apresentado a seguir:

O nome de Lewis era Clive Staples Lewis e, desde os quatro anos de idade, ele decidiu que “não merecia isso”. Apontou para si mesmo e disse: “esse é Jack” recusando-se a atender se o chamassem por qualquer outro nome. (DOWNING:2001, p.23)

O menino que decidiu definir a si mesmo, presume-se, apesar das expectativas e realidades que o rodeavam, incita-nos a pensar o quanto definiria seu percurso divergindo das convenções, dos movimentos familiares, coletivos, compartilhados naturalmente, nos quais parece se ausentar a problematização. Sugestões como essa despertam para a possibilidade de que o sujeito Lewis possa se inscrever nos textos que produziu e publicou além das marcas formais de autoria, mas significando-se na e pela linguagem.

Para esse trabalho, considera-se que, para compreender a palavra “cristianismo” em seu funcionamento nos recortes enunciativos, que constituem o corpus e pertencem à obra “Cristianismo puro e simples”, são observados os efeitos representados no próprio enunciado e incluem-se nessa representação a orientação argumentativa e o sujeito da enunciação tal como os considera Guimarães:

No enunciado, há a representação de papéis diferentes do sujeito, ou seja, no próprio enunciado, se representa a cisão fundamental do sujeito; (...) os recortes enunciativos são sempre polifônicos. Ou seja, todo enunciado contém uma dialogia interna, fundamental na constituição de sentido. (GUIMARÃES:2007, p.19)

Cruzada esta a fronteira entre ficção e realidade; entre o narrador e a identidade do autor; entre a voz textual e seus ecos, ou ainda, entre os ecos de uma posição ideológica e a voz do sentido que se constitui enunciativamente.

### ***1.2 Onde estão os pés, lugares de pensar***

Assim, como um cenário para suas palavras, figuram a época e o local do nascimento de Lewis como possível determinação de uma condição de pensar, de gostar e de ser. Em 29 de novembro de 1898, segundo filho de um

próspero advogado de Belfast, na Irlanda, inicia-se a história de sua vida numa atmosfera volátil de política e religião. Ainda hoje, mesmo na Irlanda do Norte, o que se pode dizer é que os termos “protestante” e “católico” são tanto rótulos políticos e sociais quanto designações religiosas. O conflito contínuo dividiu a ilha em duas nações e criou graves atritos sociais. Conforme registra Downing, (DOWNING: 2006) o rancor era particularmente intenso nos condados do norte onde monarcas britânicos do século XII haviam tomado terras de condes irlandeses rebeldes, levando para lá colonos ingleses e escoceses. Ao longo de gerações, os descendentes protestantes enfatizavam que o padrão de vida que tinham conquistado era bem mais elevado do que o dos irlandeses do sul. Os católicos, por sua vez, contestavam que suas terras haviam sido confiscadas e eles, então, forçados a uma condição permanente de cidadãos de segunda classe por meio de códigos legais discriminatórios. Os anos iniciais da vida de C. S. Lewis encorajaram-no a evitar política e religião.

Em sua autobiografia, “Surpreendido pela alegria”, Lewis descreve, narra e conceitua sua condição contrária à alegria, consequência de ter vivido num território cujo solo se fez ampla plataforma para dolorosos conflitos ideológicos, preconceito e até mesmo violência. De suas páginas, visualiza-se uma meninice caracterizada pelo lamentável abatimento intelectual, pelo gregarismo em vez das amizades e uma vida religiosa, primeiro opressiva, depois irrelevante. Lewis considerava infelizes os anos de sua infância não só pelo que ocorrera com ele, mas pelo que ocorrera dentro dele, cujas circunstâncias, passo a esclarecer. Antes de completar dez anos, Lewis partiu para o internato inglês, a *WynyardSchool*. David Downing descreve, a partir de suas pesquisas, o que registrou o próprio Lewis em seu diário: “Com roupas novas, de tecido quente, que pinicava o corpo, botas que lhe machucavam os pés e um gorro que lhe parecia uma faixa de ferro”, encontrou os primeiros indícios de anos poucos promissores aos olhos de um garoto irlandês, enquanto “o sotaque inglês soava aos ouvidos como uma tagarelice estranha e demoníaca”. (DOWNING: 2005, p.15). Fortes e más impressões o fizeram lançar mão de estratégias intelectuais e determinaram que suas emoções permanecessem sob rigoroso controle. Características que favoreceram suas posteriores atividades acadêmicas. As lembranças que C. S. Lewis registra dessa escola, cujas “instalações, mesmo em 1905, qualquer inspetor sanitário teria

condenado sem hesitação”, em sua obra autobiográfica, “Surpreendido pela alegria” (LEWIS:1929, p. 68), parecem ter saído de um livro de horrores. Robert Capron, o professor, era “ainda mais detestável; homem arbitrário e sádico cujos frequentes ataques de raiva acompanhavam-se de castigos físicos e severas agressões orais”. (LEWIS:1929, p.68). Na verdade, a escola fechou, alguns anos mais tarde, e o referido professor foi considerado insano, impedido legalmente de continuar exercendo suas atribuições escolares. Os fatos desse período revelam que as nuances morais, advindas da confluência cultural entre política e religião, os conhecimentos formais, postos como atribuições de uma instituição de ensino equivocada em seus procedimentos e estrutura, e a alegria configuraram-se, para Lewis, como incompatíveis.

As questões religiosas ocuparam seus pensamentos durante os anos passados em *Wynyard*, pois fazia parte das regras da instituição o comparecimento obrigatório aos cultos de domingo da igreja St. John. Lewis registra em seu diário:

Somos obrigados a ir à igreja St. John, que gostaria de ser católica romana, mas tem medo de reconhecer isso. Um tipo de igreja detestada por todos os protestantes irlandeses de respeito. Nesse local abominável de papistas hipócritas e ingleses mentirosos, as pessoas fazem o sinal da cruz, reverenciam a mesa do Senhor (que eles tem a petulância de chamar de altar e rezam a Virgem. (DOWNING:2006, p. 46)

Sobre esse fato, anos mais tarde, o próprio Lewis reconheceu que sua reação à igreja não só onde ele estava, mas onde ele estivera: “Não era eu um protestante irlandês e não eram esses rituais uma parte essencial da odiada atmosfera inglesa?” (LEWIS:1955 p.53). Mais tarde, Lewis utilizaria o termo “puritanismo” para descrever a indignação farisaica e o radicalismo sectário que aparecem nesse trecho do diário que ele escrevera quando garoto. Em seus livros acadêmicos, esclareceu que os reais puritanos da História foram os radicais e revolucionários da época, não os conservadores e fundamentalistas e que eles “combatiam bispos, não cerveja”. (LEWIS:1995, p.87). Os puritanos do século XVI eram caracterizados pelo rigor moral e seus escritos estavam cheios de censuras e denúncias. Lewis chamava de puritanos apóstatas todos os que estiveram a sua volta durante a juventude referindo-se a crença dominante como “memória do cristianismo”, esse tipo de religião em que as

marcas da fé, paz amor, sabedoria, humildade, foram substituídas por uma tacanhice sectária bem como uma precipitação em julgar os outros. (DOWNING:2005, p.47).

Em seu livro *O regresso do peregrino*, de 1933, um conto alegórico com traços biográficos, Lewis oferece outra perspectiva do puritanismo contemporâneo. Essa obra tem assim o seu início: “Sonhei com um garoto que nascera na terra da Puritânia e se chamava John”. (LEWIS:1960, p.5)

No primeiro capítulo, do referido livro, cujo título é: “As regras”, John é levado para visitar um Encarregado a fim de receber instruções sobre “O Proprietário”, na verdade, sua concepção de Deus. Para o encontro, é preciso vestir roupas diferentes que o incomodavam abaixo do queixo e lhe apertavam sobre os braços, além de lhe pinicarem o corpo inteiro. A situação é bastante semelhante ao dia em que o garoto Lewis teve que se vestir especialmente para sua jornada no internato inglês. O Encarregado parece muito cordial, porém, logo mostra um enorme cartaz no qual estão escritas as regras do Proprietário. Algumas das regras proibiam coisas das quais nunca ouvira falar ou considerava como naturais atividades cotidianas. John fica estupefato com o que julgava um absurdo, mas logo é advertido para que não transgrida nenhuma das regras ou desagrade ao Proprietário, caso contrário, sofreria punições severas nas quais estava a prisão em local escuro e cheio de cobras. Quando John se intimida e pergunta como evitar tais castigos, recebe a paradoxal resposta: “O Proprietário é extraordinariamente bom e generoso com seus inquilinos e, certamente, torturá-los-ia até a morte no instante em que tivesse o mínimo pretexto”. (LEWIS:1960, p.22) Enquanto a cabeça de John ainda girava com tudo que ouvira, o Encarregado tira a máscara e sussurra em seu ouvido que ele não precisa se preocupar com tudo aquilo.

Pode-se dizer que a visão de Jack , C. S. Lewis garoto, não difere muito de seu “alterego” John. Mencione-se que Jack é, geralmente, um apelido para John. Até aqui, há elementos que permitem inferir a respeito das reflexões pelas quais o jovem Lewis poderia ter iniciado sua busca por Deus ou tenha-se permitido findá-la antes que se fizesse mais aterrorizado. Teria, então, refletido: uma fé séria era também sem alegria? O código legalista, detalhado e autoritário levaria à exaustão moral ou à hipocrisia? Perder a fé pode ser uma libertação?

A narrativa continua com o garoto John debatendo-se sob o fardo de todas as regras que transgrediu. Mas, logo após seu perturbador encontro com o Encarregado, ele conhece outro interessante senhor, o Sr. Iluminismo. Diante da explicação do garoto de que fora criado em Puritânia, O Iluminismo lhe diz que aquele é um bom local para se abandonar. Ele, então, exulta diante de sua recém-descoberta descrença. “Não existe nenhum proprietário!” Claramente, um grande fardo se dissipava, não um fardo de pecado, mas de medo e autocondenação.

Desse modo, o próprio Lewis dá as pistas, através de sua obra literária, para que se possa reconstituir o caminho de suas reflexões pessoais, trazidas para e pelo universo ficcional. As condições sócio-histórico-culturais emergem de seus escritos como que integradas ao funcionamento das palavras que maneja, das relações de sentido que estabelecem com o real, tomado aqui como a realidade da autoria, do sujeito que diz, do próprio para Lewis. As respostas para as indagações do homem vão se desenrolar em forma de hipóteses vivenciadas por seus personagens. As certezas do homem, lentamente conquistadas, tornar-se-ão em outras obras num percurso cada vez menos ficcional.

### ***1.3 Filosofia para meninos e questões para uma vida***

Quando Lewis definiu o materialismo como uma filosofia para meninos, estava falando num tom depreciativo, mas também autobiográfico: o materialismo foi a filosofia que determinou sua juventude, após os anos que passou em Wynyard. Da maneira como o conheceu, o materialismo não conseguia oferecer respostas e promovia, em sua perspectiva, um cinismo intelectual superficial, um reducionismo que mina as próprias premissas, como se pode ler a seguir:

Mas você não pode continuar racionalizando para sempre: descobrirá que se perdeu explicando a própria explicação. Você não pode continuar a enxergar todas as coisas através de todas as coisas (...) seria o mesmo que nada enxergar. O plenamente explicável, o conhecido por outras formas, deixaria de ser conhecimento. (LEWIS: 1947, p. 38)

Jack sentiu sua descrença fortalecer-se nos anos seguintes, em várias direções. A primeira foi a do dilema que acompanharia suas reflexões por muitos anos e que trago aqui em resumo: como poderia um Deus que é todo bondade e poder, criar e governar um mundo em que há tanto sofrimento e injustiça?

O ateísmo foi ainda reforçado por outra direção: suas leituras no campo das ciências naturais e sociais. Chegou a conclusão de que todas as religiões do mundo poderiam ser vistas como expressão de necessidades psicológicas e valores culturais.

Consultando os primeiros parágrafos de *O problema do sofrimento*, é possível perceber que Lewis defende o niilismo e esclarece, nessa obra, que quando era ateu, poucos anos antes, teria explicado sua descrença apontando para o cosmo e para o nosso mundo:

Todas as histórias serão nada: toda vida terá sido, no final das contas, uma contorção transitória e sem sentido na face idiota da matéria infinita. Se me pede que eu acredite que esta é a obra de um espírito bondoso e onipotente, respondo que todas as evidências apontam para a direção oposta. Ou não existe nenhum espírito por trás do Universo, ou então existe um espírito indiferente ao bem e ao mal, ou ainda um espírito maligno. (LEWIS: 2008, p.86)

Em abril de 1917, Lewis ingressou na Universidade de Oxford. A Primeira Guerra avançava em seu terceiro ano, mas, ao que parece, achou por bem não evitar o serviço militar no exército britânico, fato que poderia ter realizado como residente irlandês. Em junho de 1917, Lewis ingressou em um batalhão de cadetes para um treinamento formal e foi aquartelado no Keble College, também em Oxford. A luta nas trincheiras francesas foi uma experiência que influenciou seus escritos durante vários anos após a guerra. Em “Surpreendido pela alegria”, ele toca no assunto. Descreve trincheiras com água pelos joelhos, vastas paisagens cheias de crateras onde nem sequer uma folha de capim havia sobrevivido, de soldados mutilados no campo de batalha “ainda se movendo como besouros esmagados”, de cadáveres que haviam congelado na posição sentada. Suportara o peso do último ataque alemão contra a linha de frente ocidental. Uma granada inglesa explodiu acidentalmente matando o sargento do seu regimento e o ferindo em três lugares: no dorso da mão esquerda, na coxa um pouco acima do joelho e

abaixo da axila. Um estilhaço alojou-se em seu peito e não foi removido até 1944, quando pareceu deslocar-se perigosamente para perto do coração. Durante sua convalescença, Jack reuniu uma coleção de poemas de sua autoria sobre amor e guerra, mas que também expressavam sua filosofia pessoal na época. Entitulado “Espíritos cativos”, o livro foi publicado em março de 1919, sob pseudônimo de Clive Hamilton, em homenagem à falecida mãe. O poema mais conhecido dessa coleção é “Noturno francês”, trata-se da descrição de um campo de batalha ao cair da noite. Tudo está em silêncio nas trincheiras sombrias, quando “as mandíbulas de uma aldeia saqueada”, aos pés da cordilheira, “engoliram o sol”. O poema termina perguntando como um soldado pode ter a ousadia de escrever um poema tendo a guerra como inspiração.

A abordagem acima pretende construir um elo entre duas experiências de guerra para Lewis: a primeira como soldado nas trincheiras da I Guerra e a segunda, como uma voz de consolo aos cidadãos ingleses, em meio aos bombardeios alemães à cidade de Londres, quando, convidado pela BBC, Lewis proferiu as palestras radiofônicas que resultaram na obra em que estão os recortes do corpus dessa pesquisa.

O jovem soldado, mergulhado nos horrores da guerra, emergindo pela imaginação e transcendendo os limites da razão materialista e das ilusões religiosas, terá muito a significar nos dizeres do *Cristianismo puro e simples*.

Em “Surpreendido pela alegria”, Lewis explica que suas especulações o faziam oscilar entre dois diferentes estados de espírito. Havia nele, segundo ele mesmo esclarece, uma tensão constante entre a visão de mundo estabelecida, segundo a qual nada existia além da esfera física, e sua imaginação faminta, que habilmente se alimentava de imagens de outro mundo e seres invisíveis. Entre os 15 e os 25 anos, Lewis completa o círculo nessa questão. Embora tivesse considerado o materialismo e o espiritualismo, depois de seus primeiros tempos em Oxford, rejeitara a ambos. Na década de 1920, ele começa a explorar o Idealismo filosófico, na tentativa de compreender as relações entre o espírito e a matéria. No prefácio de “O regresso do peregrino”, esquematiza sua jornada espiritual em uma única frase:

“Do ponto de vista intelectual, meu progresso se dera do realismo popular para o idealismo filosófico; do idealismo para o panteísmo; do panteísmo para o teísmo e do teísmo para o cristianismo.” (LEWIS:1927, p. 286)

Com a expressão “realismo popular”, o autor remete seus leitores a condição do mundo observável, experimentável por meio dos sentidos. Infere-se que nem o dualismo mente/matéria, dos anos de guerra, nem o interesse pelo espiritualismo, imediatamente posterior, tenham caracterizado qualquer movimento mais concreto que o fizesse superar o materialismo. Só depois de dar os primeiros passos filosóficos em Oxford, conforme demonstra o trecho “do ponto de vista intelectual”, transcrito acima, o qual revela sua consciência de que investigação filosófica não constitui uma jornada espiritual. Quando voltou a Oxford, depois da guerra, Lewis retomou os estudos dos clássicos e da filosofia, o que o fez obter nota máxima em “Mods” (exames públicos sobre textos latinos e gregos), em 1920 e outra em “Greats” (História, Cultura e Filosofia Clássica), em 1922. Ele permaneceu em Oxford por mais um ano a fim de estudar língua e literatura inglesa, conseguindo mais uma nota máxima em 1923. Alguns estudiosos de Lewis, como Downing, têm comparado uma nota máxima em Oxford com a obtenção de um diploma *summa cum laude* em Harvard ou Yale. Os exames de “Greats” por exemplo, exigiam, no mínimo um período de dois anos de aulas e orientação pessoal. No ano acadêmico 1924 - 1925, aceitou a nomeação para ser professor e tutor de Filosofia no University College. Nesse período, abraçou o Idealismo, filosofia segundo a qual o mundo dos sentidos é apenas uma aparência; a realidade suprema é o absoluto “trans-empírico”, “o esplendor mais concreto atrás da cortina sensorial” (DOWNING:2002, p.154).

No prefácio de “O regresso do peregrino”, Lewis chama Green, Bradley e Bosanquet de “nomes poderosos” a “dinastia” que mais caracterizou seu idealismo. Os três tomaram como ponto de partida a ideia de Friedrich Hegel de que a história da humanidade é “o progresso da razão transcendente desdobrando-se no mundo material e na mente humana”. Esses idealistas ingleses foram opositores do materialismo e do novo empirismo das ciências naturais. Curiosamente, apesar da relevância desses nomes para Lewis, Bosanquet, assim como Green, aplicou o hegelianismo à filosofia política, argumentando que “assim como o absoluto se compõe de todos os indivíduos



conscientes, também o estado político é a corporificação da vontade geral dos indivíduos de determinado país”. Depois da Primeira Guerra ficou claro que o povo não tinha sua vontade refletida nas ações dos principais estados envolvidos e a influência dessa filosofia entrou em declínio tão rapidamente quanto sua metafísica.

Analisando algumas das obras, cartas e comentários, escritos por Lewis, é possível inferir que ele parece insistir em uma concepção mais clara do Absoluto. Sua mente avançou do Idealismo, que presumia existir, de modo vago, o Absoluto, para outro pensamento, definindo-o como imanente ao universo, a alma do cosmo (panteísmo) e, depois, para o Absoluto que está acima da esfera física e dela se distingue (teísmo). Sua formação, suas leituras, indicam a disposição para vincular a Verdade à Bondade, consolidando a ideia de que a metafísica pessoal deve fundamentar a moral pessoal. Como Lewis explica em “Milagres”, o panteísmo, então, parece uma mera ideia, sem nenhum ideal, pois “O deus panteísta nada faz, nada exige. Ele não busca ninguém”. (LEWIS:2006, p.130). Na mesma passagem, contrasta-se o deus manso do idealismo e do panteísmo com o Deus da fé cristã:

Um Deus impessoal – tudo bem. Um Deus subjetivo de beleza, verdade e bondade, dentro do nosso coração – melhor ainda. Uma força vital informe que irrompe em nós, um vasto poder ao qual podemos recorrer – esse é o melhor de todos. Mas o próprio Deus em pessoa, puxando do outro lado da corda, talvez se aproximando numa velocidade infinita, o caçador, o rei, o marido – isso é uma questão totalmente diferente. (...) Chega o momento em que as pessoas que se ocupavam de religião simplesmente recuam. E se o encontrássemos? Pior ainda, e se Ele nos tivesse encontrado? (LEWIS: 2006, p146)

Tão logo tenta seriamente levar a vida segundo a filosofia, esta se transforma em religião e, do panteísmo ao teísmo, o “eu” transcendental torna-se “Tu”. Na primavera de 1924, Lewis leu pela primeira vez, segundo David Downing, “Espaço, Tempo e Divindade”, de Samuel Alexander, e registrou em seu diário que estava fortemente impressionado com a antítese proposta pelo autor entre desfrutar e contemplar. Estabelece daí uma distinção proveitosa entre experimentar algo diretamente e sem ter consciência do fato, (desfrutar) em oposição a pensar sobre a experiência, observando a experiência

(contemplar). Se alguma coisa nos deixa alegres estamos desfrutando o momento de forma direta. Mas, se pararmos para observar a própria emoção naquele momento, estamos contemplando nosso próprio estado mental. Os dois processos mentais se podem alternar, rapidamente, mas não podem ocorrer ao mesmo tempo. É impossível ter e não ter consciência num mesmo tempo.

A distinção entre desfrutar e contemplar teve implicações, para Lewis que sofria de excessiva autoconsciência. Lewis começou a pensar que o Absoluto poderia ser pessoal, gradativamente, já perto dos trinta anos, (DOWNING:2002), passou a perguntar se a pessoa envolvida poderia ser o Deus no qual os cristãos acreditavam. Em 1926, leu “O homem eterno”, escrito por G. K. Chesterton, descobrindo uma irrefutável presença histórica. Concluiu com surpresa: “Bem informado, mas também um cristão.” Assim está registrado em seu diário:

Hoje eu estive pensando sobre a imaginação e o intelecto e a profana confusão que faço sobre elas: fragmentos mal digeridos de antroposofia e psicanálise trombando com idealismo ortodoxo num contexto do velho bom racionalismo Kirkiano. Santo Deus, que bagunça! E sempre, no meu caso, existe o perigo de voltar às superstições mais infantis, ou de correr para o materialismo dogmático a fim de fugirdelas. (DOWNING:2002, p.115)

Em 1929, Lewis relata ter vivido uma experiência mística, enquanto circulava de ônibus para Oxford. Sem imagens ou palavras claras em sua mente, teve a “consciência de que estava impedindo que algo se aproximasse ou entrasse”. (DOWNING:2006, p.145)

Sentiu que estava diante de uma escolha livre, a de abrir uma porta ou deixá-la fechada. Lewis descreve não ter sentido nenhuma ameaça ou recompensa, apenas uma vívida sensação de que abrir a porta significaria o imponderável. Conforme a explicação dada por ele mesmo, seu grande desejo sempre foi “chamar a própria alma de sua”, evitando qualquer interferência. Ali estava um convite a uma entrega total. Encontram-se diversas “portas” nas obras de Lewis, sempre como um símbolo de renúncia a algo seguro, posto, real, pessoal. O segredo é “deixar-se arrastar para dentro”. Pode-se tratar de uma ampla possibilidade de percorrer caminhos insondáveis a luz da

curiosidade e da coragem de avançar rumo ao desconhecido. Como ele mesmo comenta:

Suponho que todo mundo conheça o medo de ser arrastado para dentro. O momento em que o ser humano percebe que o que parecia mera especulação está prestes a desembarcá-lo no Partido Comunista ou na Igreja Cristã – a sensação de que a porta acaba de bater e de trancá-lo para o lado de dentro. (LEWIS:1927, p.48)

Não muito tempo após sua experiência no ônibus, Lewis decidiu que era hora de entrar. Em “Surpeendido pela alegria”, ele apresenta uma simples explicação para aquela experiência: “No semestre do Trinity College, em 1929, eu cedi, admiti que Deus era Deus, cai de joelhos e orei: talvez naquela noite eu fosse o mais desanimado e relutante convertido de toda Inglaterra.” É importante observar que Lewis se autorretrata como um convertido “desanimado e relutante”, sugerindo que a mente o estava levando para onde o coração não queria ir. Pode-se inferir, além disso, a ocorrência de uma espécie de exaustão da qual decorreria a entrega, ou o deixar-se vencer. A luta parece sincera, tal como a busca, porém não há opositores determinados. Apenas o constante, até então, embate entre os sentidos postos, por modos de pensar estabelecidos em premissas bastante racionais, e o entremeio da constituição de novos sentidos decorrentes de novos pensamentos vindos, literalmente, de novos lugares de pensar.

Em sua obra “Cartas do Diabo a seu aprendiz”, Lewis explica o modelo medieval da personalidade humana, e nos permite traçar um paralelo com suas experiências espiritualistas. Segundo essa visão, o eu interior pode ser concebido como três círculos concêntricos. A vontade pessoal ocupa o centro, o intelecto, o segundo círculo e a imaginação, o círculo externo. Em primeiro lugar, uma ideia ou imagem ocupa o olhar da mente, depois, é captada pelo intelecto, e, por fim, a pessoa age com base nela. O processo de conversão de Lewis ilustra esse modelo.. Seu intelecto lhe mostrará, em 1929, que o Absoluto deveria de fato ser Deus, mas foi em 1932 que ele reconheceu as reivindicações de Cristo e submeteu-lhe a própria vontade. “Acabo de passar do crer em Deus ao crer definitivamente em Cristo, no Cristianismo” escreve Lewis, em carta, de 1º- de outubro de 1931, ao amigo Arthur Greeves (DOWNING:2002, p.147).

A partir dessas informações, podemos estabelecer um diálogo entre o sujeito Lewis e sua posição de autor, pensando as questões de autoria e sua materialidade linguística, o texto constituído, conforme o que considera Orlandi, na perspectiva discursiva:

Como autor, o sujeito ao mesmo tempo em que reconhece uma exterioridade, a qual ele deve se referir, também se remete a sua interioridade, construindo, desse modo, a sua identidade como autor. A esse processo chamei (E. Orlandi, 1988) assunção de autoria. Segundo ela, o autor é o sujeito que, tendo domínio de certos mecanismos discursivos, representa pela linguagem esse papel na ordem em que está inscrito, na posição em que se constitui, assumindo a responsabilidade do que diz e como diz. Não basta falar para ser autor. A autoria implica uma inserção do sujeito na cultura, uma posição dele no contexto histórico social. O autor precisa passar da multiplicidade de representações possíveis para a organização dessa dispersão num todo coerente, apresentando-se como autor, responsável pela unidade e coerência do que diz. (ORLANDI:2012, p.76)

Com a compreensão de que o texto tem relação com a exterioridade, com as condições em que se produz, com outros textos, pode-se pensar que o texto é atravessado por várias posições do sujeito e refletir sobre o que revelam essas várias posições, conforme se lê: “Tratar da construção dessa unidade (do discurso) e dessa identidade (autor) é atingir o modo pelo qual o texto é atravessado.” (Orlandi:1988, p.20)

Os aspectos biográficos apontados nesse capítulo permitem pensar a questão da identidade autoral como algo amalgamado aos movimentos e filiações teóricas percebidos no percurso das ideias de C.S.Lewis. Seus escritos são constituídos por apontamentos que trazem certa visibilidade para o próprio processo de compreensão daquilo que se diz.

Devido a sua vitalidade intelectual e inventividade, em Lewis, imaginação e intelecto tornam-se complacentes, não competitivas. Ele assim os descreve: “a imaginação é o órgão do significado e o intelecto é o órgão da verdade”. (DOWNING:2006, p.167). Interroga-se: que verdade? A imaginação gera imagens, metáforas e mitos por meio dos quais se pode entender o mundo? O intelecto pesa, peneira e analisa, decidindo quais frutos da imaginação correspondem mais de perto à realidade? O enunciado aqui nos remete a essa direção de sentido em seu funcionamento? Para buscar essas

respostas, o gesto de leitura expande-se; inicia-se um percurso em que se consideram as condições sob as quais o dito se constitui. Nesse caso, esse processo começou quando Lewis chegou a Oxford, quando seu interesse pelo materialismo e pelo espiritualismo começou a dar lugar a visões de mundo genuinamente metafísicas. Sua primeira experiência nessa famosa universidade foi cômica, mas também, segundo ele mesmo, bastante significativa. Ele conta como deixou a estação ferroviária carregando suas malas e foi descendo a rua na direção errada, afastando-se dos prédios da universidade. Foi andando, cada vez mais decepcionado com as casas e lojas que pareciam indistintas até chegar na saída da cidade. Quando se deu conta de que estava na periferia caminhando em sentido oposto, deu meia volta. À sua frente, estava a fabulosa aglomeração de pináculos e torres. Naquela altura, ele percebeu que havia caminhado na direção errada, dando as costas ao seu verdadeiro destino. Ao narrar esse episódio, Lewis concluiu: “essa pequena aventura foi a alegoria de minha vida inteira”. (DOWNING:2006, p.168). Para ele, a necessidade de olhar para trás e de voltar assumiu diferentes formas como, por exemplo, na leitura e releitura de autores clássicos durante toda sua vida e em sua obra cujo título é “O regresso do peregrino”. Avançar retrocedendo não é um princípio fácil de se entender, mas parece ser a premissa a partir da qual todo o percurso de Lewis pode ser observado. Observa-se no trecho citado abaixo, do livro *Milagres*, uma rica e simples ilustração desse modo de pensar e que também nos remete a questão do lugar de onde se diz:

Apenas os supernaturalistas realmente enxergam a natureza. É preciso afastar-se um pouco dela e, depois, virar-se e olhar para trás. Então, finalmente, a verdadeira paisagem se tornará visível. É preciso ter provado, embora rapidamente, a água pura do outro lado do mundo antes de poder ter consciência clara do sabor picante e salgado da corrente da natureza. Tratá-la como Deus ou como eterna é perder o ponto principal e o prazer que ela dá. Saia e olhe para trás e depois você enxergará. (LEWIS: 2006, p187)

Como materialista, ele havia tentado negar completamente a possibilidade de uma esfera imaterial. Como dualista, havia imaginado o espírito humano em guerra com o mundo material. Como idealista havia considerado um espírito universal imanente à natureza. Como cristão, ele veria Deus como Espírito, o espírito supremo, não da natureza, mas acima dela, seu

criador. Nessa visão, os seres humanos não precisam desprezar a natureza nem adorá-la como se fosse divina, podem, antes, avaliá-la como parte da criação, da mesma forma que eles, pois, segundo a explicação sucinta de Lewis para a visão cristã:

Deus nunca quis que o homem fosse uma criatura meramente espiritual. É por isso que ele usa coisas materiais como pão e vinho para infundir-nos vida. Podemos achar que isso é um tanto grosseiro e não espiritual. Mas Deus não pensa assim, ele inventou o comer. Gosta da matéria, Ele a inventou. (LEWIS:2006, p 108)

De acordo com o biógrafo, Lewis acreditava que o trabalho da mente pode elucidar a natureza da realidade: “Ele foi bem treinado em Filosofia e adaptou o método filosófico em suas obras de apologética e meditação cristãs”. (DOWNING:2006, p.109). Enquanto outros defensores do Cristianismo enfatizaram o projeto inteligente do cosmo, a historicidade dos evangelhos, o cumprimento das profecias bíblicas ou a transformação de vidas individuais, Lewis, ao contrário, enfocou o trabalho da mente e cultura humanas.

Este estudo pretende compreender a direção de sentidos em favor da fé cristã que, em Lewis, parece expandir-se, se tomada quanto aos valores morais, para uma sensação de não se viver de acordo com esses valores. A referida experiência da alegria, se contraposta à prevalência dos mitos do Deus-que-morre, ou à apologia ao sofrimento, refere-se ao prazer dado à consciência humana, ferida e cansada, em busca de uma compreensão mais clara a respeito de uma suposta realidade fundamental, conforme se lê:

E, sinceramente, a experiência de ser curado com toda sua dor também tem o seu prazer: você se arrasta para casa, cansado e ferido, buscando um estado mental que é realmente tranquilo, quando todas as ambições foram abandonadas. Pode então, de fato, dizer pela primeira vez: “Venha o Teu Reino”, pois nesse reino não haverá nenhuma preeminência, e, para ali poder entrar, será preciso que o homem tenha atingido aquele estágio de não dar nenhuma importância ao status pessoal. (LEWIS:2006, p.267)

Ao chegar ao final da vida, Lewis havia publicado 40 livros e outros 20 de sua autoria aparecem em edições póstumas, mas, nos próprios escritos, ele declara ser secundário seu sucesso literário. Lewis faleceu no dia 22 de novembro de 1963, uma semana antes de seu 65º aniversário, vitimado por um ataque cardíaco. Assim, a verdadeira história de seu “Cristianismo puro e

simples” parece estar fundamentada não na pessoa que se revela nas páginas do livro, mas na pessoa convertida, a partir da qual o brilhante jovem ateu, “o mais relutante dos convertidos”, a meio caminho da vida, tornou-se um escritor cristão respeitado por sua geração.

Lewis tem sido chamado o porta-voz não oficial do cristianismo, que ele soube divulgar de forma magistral, através dos seus livros e palestras, onde apresenta a sua crença na verdade literal das Escrituras Sagradas, sobre o Filho de Deus, a sua vida, morte e ressurreição. Tornou-se popular durante a Segunda Guerra Mundial, pelas suas palestras transmitidas pela rádio e pelos seus escritos, sendo chamado de apóstolo dos ascéticos, especialmente nos Estados Unidos. As suas palestras tocavam profundamente os seus ouvintes da radio BBC de Londres. O autor se notabilizou por uma inteligência privilegiada e por um estilo espirituoso e imaginativo. *O Regresso do Peregrino*, publicado em 1933, *O Problema do Sofrimento* (1940), *Milagres* (1947) e *Cartas do Inferno* (1942), são provavelmente as suas obras mais conhecidas. Escreveu também uma trilogia de ficção científico-religiosa: *Longe do Planeta Silencioso* (1938), *Perelandra* (1943) e *That Hideous Strength* (1945). Para crianças, escreveu uma série de fábulas, começando com *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa*, em 1950 e é o autor da famosa série de livros infanto-juvenis de nome *As Crônicas de Nárnia*. A sua autobiografia, *Surpreendido pela Alegria*, foi publicada em 1955. É bastante conhecida a sua influência sobre personalidades ilustres da nossa época, de entre elas Margaret Thatcher. Os seus livros foram lidos pelos seis últimos presidentes americanos e muitos de seus pensamentos citados nos seus discursos. Foram vendidas mais de 200 milhões de cópias dos 38 livros escritos por Lewis, os quais foram traduzidos para mais de 30 línguas, incluindo a série completa de *Narnia* para a língua Russa.

Entre 1996 e 1998, quando foi celebrado o seu centenário, foram escritos cerca de 50 novos livros sobre sua vida e seus trabalhos, completando mais de 150 livros desde o primeiro, escrito em 1949 por Chad Walsh: *C. S. Lewis: O Apóstolo dos Céticos*.

Considerando a vasta produção intelectual do autor bem como a relevância de suas considerações para uma terceira via no que diz respeito às questões religiosas, a saber, o modo como a questão religiosa vai sutilmente

se fazendo presentes em sua produção intelectual, neste trabalho, debruçamos sobre uma das obras de Lewis a fim de descrever e analisar os processos de significação que são colocados em funcionamento em “O cristianismo puro e simples”. A ideia é percorrer esta obra através da análise enunciativa da palavra “cristianismo” que, sustentada na Semântica do Acontecimento, permitirá compreender o funcionamento enunciativo e político desta palavra na obra deste autor. Qual é ou quais são, afinal, o(s) sentido(s) para “cristianismo” em C.S. Lewis? É na busca por respostas a este questionamento que se desbrava o universo do autor nas páginas seguintes deste trabalho.



## CAPÍTULO II

### SOBRE SENTIDO E SIGNIFICAÇÃO: UM PERCURSO SEMÂNTICO

Uma simples introdução à Ciência que me proponho chamar de Semântica, a Ciência das Significações. (BRÉAL: 1897)

A Semântica, como qualquer disciplina científica, precisa tornar possível um debate entre posições distintas que se reconhecem, de algum modo, no mesmo campo. (GUIMARÃES:2010)

#### **2.1 A Ciência dos Sentidos**

O trabalho com as questões que envolvem o sentido requer que se delimitem as fronteiras e filiações teóricas, uma vez que, buscar a compreensão do pensamento sobre os aspectos semânticos da linguagem, é deparar-se com numerosos olhares que construíram definições acerca de seus fundamentos e contribuíram para a ampliação de suas considerações. Entre essas considerações, apresentam-se as noções de sentido e significação partindo dos elementos: sujeito e história, excluídos nos estudos de Saussure, no *Curso de Linguística Geral*, autor ao qual se retoma como ponto de partida nessa reflexão. A fim de construir uma reflexão teórica sobre a questão da significação, nas Ciências da Linguagem, apresentam-se algumas considerações a partir das quais se constituirão os olhares lançados sobre o presente objeto de pesquisa. Tais considerações, como se verá em seguida, caminham pelos estudos de Bréal, Saussure, Benveniste e Guimarães. O interesse desse trabalho está particularmente voltado para os elementos linguísticos que mostram as relações da linguagem pensando a amplitude das significações linguísticas. Trata-se de compreender como a língua se semantiza produzindo sentidos compreensíveis. O percurso que se pretende iniciar a seguir é a retomada de conceitos sem os quais a compreensão dos fundamentos teóricos que fundamentam essa reflexão não seria possível. Ressalta-se que a exploração de tais instrumentos se limitará ao que se fizer necessário face ao que se pretende abordar nesse trabalho.

## **2.2 Vista d'olhos sobre a significação em Bréal e Saussure**

Para Saussure, a língua é constituída de signos e estes se definem pelas relações que estabelecem entre si no interior do sistema, ou seja, sem recurso a nada que seja exterior. Assim, ao constituir a língua como objeto da linguística, Saussure coloca a ação da vontade, da inteligência, do subjetivo, do individual, na fala e não na língua. Desse modo, efetua o referido corte. A significação não é, tomando-se essas noções, uma relação de representação de um signo relativamente ao mundo, mas, o significado de um signo é o que os outros não o são. Dessa perspectiva, a significação é também uma questão das relações internas do sistema de valores dos signos linguísticos. O que há de significação é o que há de codificado como significado. Os elementos excluídos deixam, portanto, as relações de transformação exteriores à língua, fora de seu objeto de estudo. Segundo afirma Guimarães,

o corte saussureano exclui o referente, o mundo, o sujeito, a história. A Semântica de nosso século vem procurando repor estes aspectos no seu objeto. O corte saussureano exclui e dá o quadro de pertinência para o excluído. A questão é como incluí-lo. E isso só pode se dar a partir desse mesmo corte, que ao formular-se escapa da hipótese de que a língua expressa o pensamento, pois o signo de Saussure (lembrar o conceito de valor) não admite um pensamento noutro lugar que se expresse pela linguagem. (GUIMARÃES:2010, p. 20)

A partir do final do século XIX, vêm sendo constituídos conceitos que, de algum modo, trazem, ao campo das preocupações tidas como de natureza semântica, a consideração das três exclusões saussureanas. Pode-se, então, percorrer uma história, um conjunto de filiações que, segundo (GUIMARÃES:2010), “uma semântica enunciativa pode reivindicar para si”. Busca-se, desse modo, a construção de um percurso histórico que leve a percorrer um caminho que tenha produzido conceitos e descrições para um tratamento enunciativo do sentido.

O historicismo do século XIX marca uma das primeiras filiações semânticas trazidas para esse percurso: a semântica de Michel Bréal. Um dos marcos da constituição da Semântica como disciplina linguística é a

publicação, em 1897, de sua obra “Ensaio de semântica”. Dentre os aspectos apresentados por esse autor, destacam-se as questões de significação pela observação de seu emprego, descartando, assim, as teorias que propõem um tratamento dessas questões por via etimológica. Além disso, seus estudos asseguram de que é preciso considerar a palavra nas suas relações com as outras palavras. Para esse autor, não há como tratar a linguagem sem considerar a significação. Desse modo, mesmo no contexto da linguística comparada do século XIX, face às tendências naturalistas, considera que a significação é primordial para se tratar as transformações na linguagem, produto da vontade e da inteligência do homem. Guimarães (2010, p.16) assim se refere à semântica, na construção de Bréal: “é uma disciplina linguística que considera a linguagem como fenômeno humano, portanto, histórico. Por essa via, o nascimento da semântica é uma ruptura com a posição naturalista”. Pode-se refletir, a partir dessa perspectiva que, considerando que a linguagem é feita de signos, cujo caráter é simbólico e não natural, a semântica se constitui como disciplina histórica. Os temas tomados aqui da obra de Bréal são, assim, a história, ou seja, a linguística como ciência histórica, e a subjetividade, ou seja, o aspecto subjetivo da linguagem.

A questão da linguística tomada como ciência histórica submete-se a discussão com a inclusão do artigo “A Linguística é uma Ciência Natural?” na terceira edição da obra *Ensaio de Semântica*. O título desse artigo traz a pergunta que instala o texto no confronto de posições do século XIX, segundo a análise registrada por Eduardo Guimarães, no prefácio da edição publicada no Brasil, em 2008, e revela a posição argumentativa de Bréal, conforme se lê, trata-se de

uma afirmação prévia positiva, posta por uma perspectiva enunciativa; uma certeza do locutor, que é, argumentativamente, coorientada com a negação correspondente, posta por outra perspectiva enunciativa, a do locutor do enunciado; exija que se escolha entre o enunciado afirmativo ou seu negativo correspondente. (...) seu texto é a indicação de como a sua escolha é a da sua posição argumentativa, a que diz não ser a linguística uma ciência natural. Mas que diz junto com os demais que a linguística é uma ciência. (BRÉAL:2008, p.12)

O fundamento da posição de Bréal está no fato de que o objeto de estudo, linguagem, não está na natureza. Como a linguagem é feita de signos,

seu caráter é simbólico, ou seja, não natural. Trata-se de algo que não possui realidade fora da atividade humana. O autor afirma que a Linguística, para os naturalistas da época, só tratava dos sons e não da escolha das palavras e da construção das frases. Para esse autor, “a natureza de seu objeto define a natureza de uma ciência” (BRÉAL, 2008, p.13). A consideração do sentido é fundamental no estudo da linguagem, pois os meios utilizados na linguagem só têm valor pelas ideias que são a eles atribuídas convencionalmente. A regularidade da linguagem, nessa perspectiva, deve-se ao hábito, ao costume. A mudança, portanto, é determinada por elementos externos. Para Bréal, há uma lei da linguagem, no sentido do habitual, na qual as formas já existentes oferecem modelos para as novas formas. Trata-se de uma analogia, uma vez que com pauta nas formas já existentes, a ação da vontade humana estabelece outras formas. Diversos autores, considerando várias perspectivas teóricas, se interessaram pela questão do sentido, como, por exemplo, Ducrot (1972e 1984), Frege (1892), Grice (1957), Pêcheux (1975), Orlandi (1993), entre outros. É relevante para essa reflexão a noção de que é preciso tomar a linguagem como não transparente e buscar a compreensão de como algo se faz texto. Para tanto, haverá um percurso teórico que observará algumas contribuições pontuais nesse amplo campo linguístico.

Ainda observando as contribuições de Michel Bréal, a subjetividade na linguagem, estabelecida como elemento subjetivo, nos oferece a perspectiva de que há marcas na língua desses elementos subjetivos: advérbios, modos e tempos verbais, pronomes pessoais, entre outros elementos frásicos são constituídos através das relações de significação dadas pela subjetividade. Tais considerações serão também apontadas por Benveniste para concepção de intersubjetividade nas colocações enunciativas. O interesse no presente estudo volta-se para a compreensão de que as reflexões de Bréal, anteriores ao corte saussureano, são fundamentais para outras reflexões como em Benveniste, a partir do corte dos trabalhos de Bréal, estabelecendo-se, assim, um caminho decisivo para os estudos da enunciação.

Para compreender a questão da subjetividade, observa-se o que diz Bréal, no início do capítulo XXV, cujo título é “O Elemento Subjetivo”:

Se é verdade, como se pretendeu algumas vezes, que a linguagem é um drama em que as palavras figuram como atores e em que o

agenciamento gramatical reproduz os movimentos dos personagens, é necessário pelo menos melhorar essa comparação por uma circunstância especial: o produtor intervém frequentemente na ação para nela misturar suas reflexões e seu sentimento pessoal, não à maneira de Hamlet que, mesmo interrompendo seus atores, permanece alheio à peça, mas como nós mesmos fazemos no sonho, quando somos, ao mesmo tempo, o espectador interessado e também o autor dos acontecimentos. Essa intervenção é o que proponho chamar o *aspecto subjetivo da linguagem*. (BRÉAL: 1897, p. 157)

Nessa perspectiva, a linguagem está na inteligência e na vontade humanas. Bréal diz que se ela nos precede, e sobrevive a nós, é feita pelo consentimento de muitas inteligências, do acordo de muitas vontades que estão presentes e que não estão presentes (BRÉAL:1897, p.197). As mudanças são realizadas pela vontade, há algo do próprio sujeito que a produz, não apenas as variações da língua como sistema. Essa mudança se dá de acordo com um modelo oferecido pela própria linguagem, mas, como a analogia é o princípio de seu funcionamento, é sempre algo relativo à significação.

Há a marca daquele que usa a linguagem na linguagem. Os elementos linguísticos mostram essa relação do sujeito com a própria linguagem na história. O elemento subjetivo está relacionado ao desdobramento da personalidade humana que a linguagem marca, produz, e é o fundamento primordial para se considerar os outros elementos da linguagem. Sem esse fundamento, a noção que se pretende estabelecer seria direcionada para outros percursos, determinaria outras abordagens e, conseqüentemente, outras perspectivas de exploração, análise e estudo.

A subjetividade é uma relação homem/mundo como se dando pela oposição do eu (homem) que instala um tu (outro/mundo); uma subjetividade destacada do mundo, que não o omite, mas se relaciona com ele. Introduz-se a presença de um locutor remetendo-se a isso uma centralidade do sujeito.

O corte benvenistiano irá propor uma subjetividade intersubjetiva, um novo modo de tratar essas relações conforme suas posições teóricas. De acordo com essa nova abordagem, conforme se verá a seguir, a subjetividade será também tratada como uma questão diretamente da ordem linguística.

### **2.3A *significação em Benveniste***

Afirma-se que Benveniste é um linguista histórico e seus trabalhos nessa área são de um estruturalista, estudioso das línguas indo-europeias (GUIMARÃES:2010, p.45). A Semântica que oferece, portanto, é feita sobre o conceito do signo saussureano, porém, busca romper os limites da perspectiva do sistema pelo estudo da significação, que, para ele, é o estudo da subjetividade na língua. Em muitos de seus trabalhos, Benveniste descreve a língua considerando as afirmações de Bréal de que formas linguísticas marcam o elemento subjetivo quando se fala. Trata-se, desse modo, a questão da subjetividade como uma questão linguística.

Neste trabalho, porém, interessa refletir sobre a formulação de um conceito bastante específico: a enunciação. Mostrando que a Semântica põe em funcionamento a língua e seus paradigmas, o seu texto “Aparelho Formal da Enunciação”, Benveniste conceitua a enunciação como uma relação do locutor com a língua, na qual “o locutor se apropria da língua pondo-a em funcionamento. E é isso que a semantiza.” (GUIMARÃES:2010, p.47). A questão do sujeito da linguagem, para Benveniste, sujeito da enunciação, é também linguística, uma vez que a enunciação é uma relação do sujeito que se apropria da língua e a faz funcionar por um ato individual de utilização. Benveniste destaca: “o ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação” (BENVENISTE:1976, p.82). A ação individual a qual se refere é apropriar-se da língua, é um ato relativo à língua, ressalta-se. Segundo Guimarães, (2008, p.72), a língua, com suas formas, permite ao falante dela se apropriar e se constituir como sujeito relativamente a outro que se constrói também como sujeito, sendo assim, “a intersubjetividade é algo previsto no sistema da língua, não é uma construção da enunciação. Se alguém coloca a língua em funcionamento, constitui-se como sujeito, intersubjetivamente”. A respeito desses apontamentos teóricos, formulam-se, ainda, importantes considerações:

Este conjunto de aspectos pode levar a censurar em Benveniste o fato de tratar essa passagem da língua para o semântico de um modo um tanto automático: basta se apropriar da língua para constituir-se

como sujeito da enunciação, porque a língua tem formas que, apropriadas, fazem diretamente isso. Diria que este aspecto faz parte dos problemas do tratamento enunciativo de Benveniste (...) a questão da centralidade do sujeito da enunciação. Não se trata de um sujeito psicológico, não se trata de um sujeito pragmático, por exemplo, mas trata-se de um sujeito que tem a capacidade de apropriar-se da língua e semantizar, e fazer significar. (GUIMARÃES: 2010, p. 47)

Guimarães mostra que só é possível estabelecer essa perspectiva, que trata o sujeito da enunciação como o que se apropria da língua, desconsiderando-a como exposta à ambiguidade, ao equívoco, se, antes, se considerar a relação entre o significante e o significado como necessária, estabelecendo-se assim a noção de referência. Do mesmo modo, pode-se considerar o estabelecimento, em Benveniste, de uma relação significante/significado como ligada também à concepção de história, que é temporal, diacrônica. A concepção temporal é explicativa de como algo se torna signo. Entende-se essa filiação, uma vez que este autor, em diversos de seus trabalhos, esteve focado na questão das origens dos signos nas diversas línguas para as quais dedicou seus estudos, temas sobre os quais não se fará abordagem nessa dissertação.

Pode-se concluir essa abordagem com a observação de que, ainda que sistematizando as relações, Benveniste mostra a amplitude das significações linguísticas. O autor estimula a percepção de que elas não se reduzem à intenção ou à vontade de um locutor, ainda que seja ele quem ponha a língua em funcionamento, nem, tampouco à relação com objetos. Como a língua se semantiza produzindo sentidos compreensíveis é a questão enunciativa na ordem do funcionamento específico do semântico que preconiza os avanços para a compreensão da língua e seus paradigmas e da enunciação, aqui entendida como ato de apropriar-se dessa língua.

O percurso que se fez até aqui retomou conceitos sem os quais a compreensão dos fundamentos teóricos, essenciais para esta reflexão, não seria possível. Procurou-se traçar um breve, porém relevante, panorama para a questão da construção de um conceito histórico de enunciação a partir das questões relativas ao sentido. Nos dizeres de Guimarães:

Benveniste é uma matriz decisiva, mas, na medida em que assumimos um ponto de vista sócio-histórico, devemos considerar no

próprio conceito de enunciação condições sócio-históricas próprias deste acontecimento. (GUIMARÃES: 2008, p.71)

Para Benveniste, é o tempo que possui caráter explicativo na consideração do histórico. Guimarães procura sair dessa perspectiva temporalista e abrir um diálogo com outras perspectivas teóricas que o levem a um conceito de enunciação que a caracterize socialmente. De acordo com tais afirmações, confirmam-se as posições teóricas desse autor:

Quanto ao enunciado, procuraremos refletir, na perspectiva aberta pela análise de discurso, (Foucault (1969), Pêcheux (1969/1975), Henry (1977), Orlandi (1983,1988) e outros) sobre que papel tem a sua constituição: o ser elemento de uma prática social; seu caráter discursivo (ser unidade do discurso); seu sentido; sua relação com o sujeito; sua relação com o mundo; sua relação com outros enunciados; sua materialidade física. Assim, consideraremos o enunciado como uma unidade discursiva. (GUIMARÃES:2008, p.73)

Tomadas tais considerações, o enunciado se caracteriza como elemento de uma prática social e, desse modo, deve-se considerar uma relação entre sujeitos (com suas posições e conjunto de formações imaginárias) configurando o sentido do que se fala. Outro aspecto apontado por Guimarães é o fato de não ser possível a existência de um enunciado único, isto é, faz parte das condições de existência de um enunciado seu caráter necessariamente relacional. “É impossível pensar o sentido fora de uma relação. Algo só é linguagem com outros elementos e na sua relação com o sujeito. Isso dá o caráter histórico da linguagem” (GUIMARÃES:2008, p.74). Assim, observa-se que os enunciados para que assim se constituam, para que sejam linguagem, discurso, língua, constituem os signos, suas relações e suas condições de funcionamento.

Para compreendermos os aspectos a partir dos quais a reflexão desse trabalho se estabelece, é necessário considerarmos ainda que:

As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas tiram seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada (isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada) determina o que pode e deve ser dito. As palavras recebem, pois, seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas, na relação com as outras da mesma formação discursiva. (GUIMARÃES, ORLANDI:1988, p. 21)



Tem-se assim que uma unidade lexical só existe, se existir um enunciado em um domínio de enunciados. Compreende-se daí que a enunciação é o acontecimento que produz enunciados, que dá a eles suas condições de existência. Nessa perspectiva, considera-se, portanto, que a significação é histórica, não no sentido temporal, mas no sentido de que a sua materialidade é a historicidade no sentido de que a significação é determinada pelas condições sociais de sua existência. O sentido, como se observa até aqui, a partir dos estudos de Guimarães, deve ser tratado como discursivo e definido a partir do acontecimento enunciativo. Segundo esse autor, um dos aspectos mais importantes no trabalho de um semanticista é falar da significação linguística mostrando como essa significação “se reporta a”, “se relaciona a”, “diz de” alguma coisa, daquilo que acontece, assim, tanto a significação quanto sua relação com “aquilo que acontece” são construídas linguisticamente. A significação é produzida “enunciativamente no e pelo acontecimento da enunciação” (GUIMARÃES: 2008, p.77). Desse modo, uma unidade lexical só existe na sua relação com outros enunciados no acontecimento de dizer, a saber, na enunciação. Como se apresentou, Eduardo Guimarães estabelece uma importante distinção: a enunciação não é um ato individual do sujeito. Nas palavras do autor:

Inscrevo minha posição numa linha de filiações próximas que passa por Benveniste, para quem a enunciação é a língua posta em funcionamento pelo locutor, e por Ducrot, para quem a enunciação é o evento do aparecimento de um enunciado. Para mim a questão é como tratar a enunciação como funcionamento da língua sem remeter isto a um locutor, a uma centralidade do sujeito. (GUIMARÃES:2005, p.5)

Os dizeres, portanto, considerados fora da centralidade do sujeito da enunciação, têm seus sentidos produzidos em determinadas condições e essas condições de algum modo estão presentes em seu funcionamento. Isso nos remete ao que diz Orlandi ao considerar as condições de produção e o interdiscurso:

O que são, pois, condições de produção? Elas compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. A maneira como a memória “aciona”, faz valer, as condições de produção é fundamental. Podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto

imediatos. E, se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico. (ORLANDI:2010, p. 30)

#### **2.4 Lugares de observação: modos de ver, modos de pensar**

Mais que um lugar de leitor, um lugar de interpretações, a proposta do presente trabalho configura-se como lugar de observação, de descrição e de análise. Trata-se de considerar as relações de sentido, a partir da perspectiva teórica da Semântica do Acontecimento, como um processo que, mediante a construção de um procedimento específico de descrição e de análise, tomando como fundamentos teóricos os trabalhos de Eduardo Guimarães, procura oferecer à interpretação uma sustentação própria das relações linguísticas. Importa o funcionamento de expressões linguísticas nas unidades de análise, os enunciados, a partir de uma posição teórica específica sobre o que é o sentido. Parafraseando o referido autor, pretende-se fazer funcionar um procedimento, a partir de um lugar de leitor-semanticista capaz de levar em conta o processo enunciativo de caráter histórico e político de construção do sentido a fim de que se possa dizer que sentidos são produzidos nos recortes em que a palavra “cristianismo” aparece e como compreender as relações de reescrituração e de articulação<sup>3</sup>, conforme veremos, neles estabelecidas. Fundamental aqui é a noção de que é preciso interpretar os sentidos não como se estivéssemos simplesmente no lugar de quem os fez funcionar. Da posição de semanticista, é fundamental pensar o modo como o(s) sentido(s) funciona(m) no acontecimento de dizer para que assim se possa mostrar “o que”, a partir “de como”, o texto faz significar; para que a análise dos aspectos de significação desse texto não seja meramente a reprodução dos sentidos historicamente cristalizados.

Desse modo, segue-se doravante a apresentação do procedimento aqui adotado tomando a concepção, segundo a posição semântica descrita, de que pelo acontecimento da enunciação constitui-se o sentido de uma expressão linguística. A unidade de análise é, portanto, o enunciado, segundo (GUIMARÃES:2011, p.43), “um elemento linguístico que integra texto”. Para esse autor, a condição para que uma sequência linguística seja enunciado é

---

<sup>3</sup> Tal como as considera Guimarães em sua obra “Semântica do Acontecimento”

que ela integre texto. Tal sequência linguística deve ainda constituir-se de características específicas como ter consistência interna e, ao mesmo tempo, independência relativa (GUIMARÃES:2006, p.121-123). É necessário também esclarecer que a noção de texto aqui abordada corresponde especificamente a uma unidade de sentido integrada por enunciados e não a um conjunto de enunciados. Essa distinção está claramente descrita nos dizeres que seguem:

A relação de integração é aquela que constitui sentido, ela se caracteriza por ser a relação de um elemento linguístico de um nível, com o elemento linguístico com elemento de um nível superior. E não se trata de uma relação caracterizada pela segmentalidade. A integração se faz por uma relação transversal entre elementos diversos e a unidade a qual se reportam. A relação entre os elementos não é de contiguidade, não se marca pela direção da segmentalidade. (GUIMARÃES:2011, p. 43)

O processo é, então, a tomada de recortes do texto para descrevê-los e buscar a compreensão dos movimentos de sentido da palavra em questão. A uma determinada análise, vão se acrescentando outras de outros recortes que a própria análise vai indicando como pertinentes. Na posição teórica assumida nesse procedimento, qualquer forma de qualquer recorte significa porque integra um texto. Assim, podem-se reiterar operações de descrição que venham configurar cada movimento de interpretação no conjunto das relações entre os recortes. Nas palavras de Guimarães (2011): “É isso que nos permite não só dizer que sentidos se produzem num texto, mas que se produzem em virtude do próprio modo de se produzirem.” Trata-se de considerar o funcionamento da linguagem pensado nas condições que os acontecimentos enunciativos se produzem.

Os recortes para a análise são produzidos a partir dessa posição teórica tendo como principal interesse dois funcionamentos gerais próprios do acontecimento, do texto: a articulação e a reescrituração. A articulação considera o modo como os elementos linguísticos operam em contiguidade e a reescrituração opera uma relação integrativa explicando o agenciamento enunciativo.

### 2.4.1 Procedimentos Analíticos: Reescrituração

Reescrever é efeito da exposição do dizer à materialidade do real. Exposição própria do acontecimento. Efeito do presente sobre a memória. E é isto que faz texto. (GUIMARÃES: 1999)

Para operar a relação integrativa em busca do sentido de uma expressão, entendido aqui como seu funcionamento dentro de um enunciado enquanto elemento de um texto, constituem-se modos de observação dessas relações. Importa, inicialmente, observar os aspectos que dizem respeito a designar e nomear, e os aspectos que dizem respeito a designar e referir. Trata-se de explicitar que o agenciamento enunciativo da nomeação e as referências feitas com outros nomes, que funcionem em substituição desses nomes, em um texto, são ambos elementos constitutivos da designação desse nome. Guimarães assim constitui tais relações:

No caso da relação entre designação e nomeação, o que se deve observar é uma relação entre enunciações, entre acontecimentos de linguagem. Num acontecimento em que certo nome funciona a nomeação é recortada como memorável por temporalidades específicas. (...) No caso da relação entre designação e referência, o que se deve buscar é como um nome aparece referido no texto em que ocorre. Assim é fundamental observar como o nome está relacionado pela textualidade com outros nomes ali funcionando sob a aparência da substituíbilidade. Neste caso, os conjuntos de modos de referir organizados em torno de um nome são um modo de determiná-lo, de predicá-lo. E nesse sentido é que constituem a designação do nome em questão. A predicação a que me refiro aqui se dá pela segmentalidade, ou seja, por sobre as fronteiras dos enunciados. (GUIMARÃES:2005, p.27)

De acordo com a perspectiva exposta, o acontecimento do dizer mobiliza a língua em textualidades específicas que se caracterizam por agenciamentos enunciativos, pelas marcas que a enunciação apresenta. No plano da formulação, estão imobilizados no acontecimento do dizer sentidos que de fato se movimentam pelo interdiscurso e, para compreensão desse, que parece ser um paradoxal funcionamento de sentido: é fundamental que se observe o processo de reescritura, próprio das relações de textualidade. Essa

reescrituração é o procedimento que coloca em funcionamento a operação de predicação, definida nessa perspectiva teórica, como uma expressão se reporta a outra, no acontecimento do dizer, por negá-la, por reafirmá-la, por redizê-la, por condensá-la, por expandi-la ou por substituí-la, entre outros procedimentos. Portanto, entende-se a reescrituração como o procedimento pelo qual a enunciação de um texto faz funcionar o que já foi dito e, desse modo, faz interpretar uma forma como diferente de si. Diante do exposto, estabelecem-se como fundamentais essas relações de predicação, pois permitem tratar as questões relativas ao sentido sem a apresentação de qualquer procedimento que caracterize ideias, conceitos, definições já estabelecidas, ou fora de um acontecimento enunciativo, a respeito de uma palavra. De outro modo, as relações de predicação trazem um movimento parafrástico, constituem o polissêmico, fornecem pontos de identificação e trazem a percepção de que “dizer é reescrever um dito”. (GUIMARÃES: 1999)

Nessa medida, procedimentos como a repetição e a elipse, por exemplo, podem fazer reportar uma expressão linguística a uma outra relacionando-as no objeto de análise em que ambas estão integrado o texto sob a forma de enunciados. Observa-se que uma importante diferença deve ser estabelecida para a compreensão da perspectiva teórica que fundamenta essa abordagem: não se trata de dizer que a repetição e a elipse se referem ao mesmo termo. A repetição e a elipse são modos de construir o sentido do termo. O processo de reescrituração estabelece uma ligação entre termos que pode fazer com que eles signifiquem de outro modo, ou seja, em virtude do próprio processo em que se dá é que o sentido deve ser produzido. Segundo Guimarães, o interesse não está no fato de que uma retomada se faz sobre algo que é o mesmo, mas o contrário, ao se fazer, faz significar algo que não estava significado. (GUIMARÃES: 2007, p. 87)

#### 2.4.2 Procedimentos Analíticos: Articulação

Estabelecem-se através do processo denominado articulação, de acordo com a perspectiva teórica sobre a qual se fundamenta a presente pesquisa, as relações semânticas que se dão pela enunciação considerando o modo como

os elementos linguísticos significam sua contiguidade. Estas relações específicas, poder-se-ia dizer, locais, entre os elementos linguísticos, caracterizam a constituição de sentidos produzidos no e pelo acontecimento do dizer, ou seja, pela enunciação que está funcionando ali, daquele modo e não de outro.

Para Guimarães, os procedimentos de articulação dizem respeito às relações próprias das contiguidades locais. Trata-se de compreender como o funcionamento de certas formas afetam outras que elas não redizem (GUIMARÃES:2007 p.88). Esses procedimentos enunciativos são próprios das relações no interior dos enunciados ou na relação entre eles. Observa-se ainda que a semântica do acontecimento permite considerar que as articulações podem se reportar às reescrituras e, desse modo, não se reduzam aos limites do enunciado, mas de todo objeto que se pretende compreender.

#### 2.4.3 Para representar o sentido das palavras: o DSD

Tomada como acontecimento de linguagem, dá-se a enunciação pelo funcionamento da língua ao qual estão remetidos o sujeito e a temporalidade, no sentido de que o acontecimento temporaliza. É preciso esclarecer, no entanto, que não se trata de um ser físico ou de um mundo físico. Anuncia-se enquanto ser afetado pelo simbólico e num mundo vivido através do simbólico (GUIMARÃES: 2000). Para este autor, o sujeito não é a origem do tempo da linguagem. O sujeito é tomado na temporalidade do acontecimento. A temporalidade do acontecimento constitui o seu presente e um depois que abre o lugar dos sentidos e um passado que não é lembrança de acontecimentos anteriores. Nessa medida,

o passado é, no acontecimento, rememoração de enunciações, ou seja, se dá como parte de uma nova temporalização tal como a latência de futuro. O acontecimento é a diferença na sua própria ordem: o acontecimento é sempre uma nova temporalização, um novo espaço de coviviabilidade de tempos, sem a qual não há sentido, não há acontecimento de linguagem, não há enunciação. (GUIMARÃES: 2000, p.12)

Diante disso, o passado faz significar o presente e o futuro. Essa latência de futuro, que se traduz até mesmo pelo ato de interpretar, pelo gesto de leitura, pela busca de compreender a teia de significações, no acontecimento de linguagem, projeta o sentido uma vez que o faz partir de um certo recorte que se constitui do que é memorável.

Nesse ponto, é possível recorrer à Análise de Discurso, segundo a posição teórica de Orlandi (1999), da qual se considera que o sujeito que anuncia é sujeito porque fala de uma região do interdiscurso, entendendo interdiscurso como uma memória de sentidos. Considera-se ainda, a respeito do sentido e do interdiscurso, o que afirma Guimarães:

o interdiscurso é o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente definido (Orlandi, 1992, 1989), desse modo, o enunciável, o dizível, é um já-dito, e como tal é exterior à língua e ao sujeito. “Ele se apresenta como série de formulações distintas e dispersas, que formam, em seu conjunto, o domínio da memória”. (idem, 90). (GUIMARÃES:2010, p. 66)

Dessa posição, o passado não é um antes, mas um memorável recortado pelo próprio acontecimento. Segundo Eduardo Guimarães (2007, p.36), falar é estar nessa memória, portanto, não é estar no tempo. É necessário fazer a distinção entre a memória de sentidos, ou seja, o interdiscurso, e o passado no acontecimento, ou seja, memorável de situações recortado pelo acontecimento. O que se propõe, portanto, é uma articulação.

Posta a configuração do acontecimento, interessa a concepção de falantes como sujeitos da língua constituídos no espaço da enunciação. Guimarães toma a posição segundo a qual os falantes são considerados como figura política constituída pelos espaços de enunciação. O autor afirma:

Os espaços de enunciação são, para mim, espaços de funcionamentos de línguas, que se dividem, redividem, se misturam, se desfazem, se transformam por uma disputa incessante. São espaços habitados por falantes, ou seja, por sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer. São espaços divididos pela equivocidade própria do acontecimento: da deontologia que organiza e distribui papéis, e do conflito, indissociado dessa deontologia, que redivide o sensível, os papéis sociais. O espaço de enunciação é um espaço político. (GUIMARÃES, 2002, p18).

O sentido de uma expressão pode ser analisado como seu modo de integração no enunciado, enquanto elemento de um texto. O sentido é, pois, constituído pela relação de uma expressão com outras expressões ao longo de um texto. Sendo assim, para Guimarães, o processo de reescritura põe em funcionamento relações de textualidade.

A reescrituração é uma operação que significa, na temporalidade do acontecimento, o seu presente. (...)Ao fazer interpretar algo como diferente de si, esse acontecimento predica algo ao reescriturado. Aquilo que a própria reescrituração recorta comopassado. (...) Esse movimento significa porque projeta um futuro. (...) o tempo da interpretação no depois do acontecimento no qual o reescriturado é refeito pelo reescriturante. (GUIMARÃES, 2002, p.28).

Nessa perspectiva, discutir o conceito geral da expressão “cristianismo” não é o objetivo nesta pesquisa. Importa localizar o sentido desse dizer no texto em análise. Assim sendo, inicia-se a análise com o pressuposto de que a designação de um nome ou de uma expressão é algo próprio das relações de linguagem e, por isso mesmo, relação simbólica exposta ao real enquanto tomada da história segundo Guimarães (2002, p.9). Pensando as relações de linguagem constitutivas do sentido, o autor estabelece que dizer que um nome designa é poder dizer também com que outras palavras se relaciona no Domínio Semântico de Determinação (DSD). Nessa medida, é preciso recusar outras relações estabelecidas pela Semântica formal. A unidade de análise tomada aqui, como já se assinalou anteriormente, é o enunciado em que funciona a palavra enquanto elemento de um texto. No dizer do autor: “é preciso tratar as palavras nas relações que suas enunciações constroem” (GUIMARÃES, 2002, p.9). Utilizar-se-á, portanto, a determinação para compreender como as palavras num conjunto, num domínio semântico se relacionam dizendo qual é a direção da determinação. A representação do DSD se dá com a seguinte marca: o traço vertical estará sempre do lado da palavra determinada. Exemplo:

Cristo –I CRISTIANISMO
------------------------



Lê-se: Cristo determina cristianismo.

Nada é uma coisa ou outra em si, mas nas relações de determinação, isto é, nas relações específicas que se estabelecem na enunciação. Duas outras relações são consideradas, segundo Guimarães (2002), fundamentais para a compreensão do sentido constituído pelas relações estabelecidas no acontecimento do dizer: a sinonímia e a antonímia.

A descrição, a análise e a interpretação se constituem, portanto, a partir da observação das palavras nos enunciados analisados. É a partir do recorte de um conjunto de enunciados relevante para a pesquisa que se estabelecem (s) DSD(s) da palavra “cristianismo”, como se verá nas páginas precedentes desta reflexão.

## CAPÍTULO III

### RECORTES, DESCRIÇÕES E ANÁLISES

Para a Semântica do Acontecimento, os sentidos de um elemento linguístico se dão enquanto parte de um enunciado, enquanto parte de um texto. Tem a ver com o modo como este elemento faz parte de uma unidade maior ou mais ampla. (OLIVEIRA:2006)

Para observar e compreender como os sentidos, ao se constituírem, se constroem pelas relações de determinação entre as palavras no acontecimento da enunciação, como descrito no capítulo 2 desse trabalho, utilizo o conceito de Domínio Semântico de Determinação (DSD) proposto e definido por Guimarães (GUIMARÃES:2007) como uma mecanismo de descrição e de interpretação que se ampara nas relações de determinação semântica estabelecidas pelas palavras no funcionamento da língua. Assim, a fim de que se possa construir um DSD, é essencial que sejam consideradas as relações de sentidos a partir dos processos de articulação e reescrituração. Observa-se que, enquanto a reescrituração diz respeito ao processo de construção de sentidos na unidade do texto, a articulação remete à análise das relações de sentido no interior do próprio enunciado. Para proceder à análise que se propõe, serão demonstrados, quando possível, os dois processos em cada um dos recortes que constituem o *corpus* dessa pesquisa e que, de certa maneira, são também resultado de um gesto de interpretação, uma vez que recortar é selecionar dentro de certa perspectiva analítica.

Além do exposto, considero importante reiterar que o conjunto de determinações de uma palavra, em uma dada enunciação, ou seja, o DSD, constitui a designação e possibilita compreender, nos dizeres de Guimarães, “que as coisas existentes são referidas enquanto significadas e não apenas enquanto existentes” e ainda, “que a significação é entendida enquanto uma relação linguística, simbólica, remetida ao real, exposta ao real. (GUIMARÃES: 2002, p.9 e 10). Assim, intorraga-se a “evidência” de sentido da palavra *cristianismo*, buscando suas relações linguísticas, percorrendo o caminho de suas inserções nos textos em análise, tomando-a como entrada para representar essas relações nos DSDs. Fundamental também é considerar

a textualidade como “um presente determinado por uma memória a partir da qual se organizam e projetam relações de interpretação”, (OLIVEIRA:2006, p. 115), demonstradas aqui pelas paráfrases que orientam a construção do próprio DSD e permitem estabelecer possibilidades de interpretação que auxiliam a compreensão da direção de sentido.

A palavra que se pretende analisar, “cristianismo”, remete, precipuamente, a uma relação de expansão, uma vez que possui como elemento constitutivo um nome, Cristo, nome pelo qual é designada enunciativamente, fazendo funcionar como sentido circulante algo especificamente referenciado por esse mesmo nome. A relação de determinação que pode ser observada, confirmando essa direção de sentido, está no acontecimento enunciativo, transcrito como citação na página 8, cuja forma linguística se inscreve num meio em cujas referências funcionam de forma bastante específica: o dicionário. Apresenta-se, então, para o enunciado referido, o seguinte DSD:

Cristus cristianus  cristão			
T	T	T	
autor	- origem	partidários	título de honra
de Jesus			

O DSD permite dizer que “autor”, que se encontra em uma relação de sinonímia com “origem”, é predicado pelo nome próprio “Christus” e o determina fazendo funcionar uma relação de reescrituração por definição. “Christus” funciona ainda em uma relação de sinonímia com “cristãos”, que também é reescriturado por definição na relação de determinação com “partidários de Jesus”. É relevante observar que “Jesus” é uma expressão que retoma “Christus” por substituição, e que é apresentado no próprio dizer como sendo uma questão linguística, ou seja, a diferença entre as palavras deve-se ao estilo romano, inferindo-se que seja “Jesus” a forma de origem hebraica. A palavra “cristão” é determinada por “título”, o que nos remete a uma relação de adjetivação, na qual o que predica também nomeia. Essa relação de determinação funciona de modo bastante específico, porém, dentro de uma outra relação que expande e determina o enunciado como um conjunto de

dizeres que “significam” para que a designação da palavra “Cristão” seja apresentada nesse acontecimento.

Na sequência, apresenta-se o conjunto de recortes que constituem o corpus desta pesquisa e suas respectivas descrições e análises.

O recorte de entrada que se selecionou é justamente o título da obra que traz já de início a palavra “cristianismo”. Inicia-se, portanto, a análise com a observação de que esse enunciado é o primeiro aparecimento da palavra *cristianismo*, no título da obra em questão. Assim faço por compreender que o aparecimento dessa palavra no próprio título faz funcionar a direção do sentido referencial quanto ao tema abordado pela obra, ou seja, logo na abertura de seus escritos, Lewis indica o foco de suas reflexões e, até mesmo, o propósito de suas considerações.

O título que se analisa nesse trabalho, deve-se ressaltar, apresenta-se em Língua Português, traduzido do original inglês *MereChristianity* por Álvaro Oppermann e Marcelo Brandão Cipolla. Observe-se que a palavra *Mere* foi traduzida como “mero” ou apenas como “simples”, mas, através do que se poderia chamar de justaposição das palavras “puro” e “simples”. A palavra “cristianismo”, portanto, aparece num sintagma nominal qualificada como “simples” e como “puro”, o que nos permite pensar que se está falando de um cristianismo, qualificado ou que se constitui de certa maneira, e não de outra. Na primeira ocorrência da palavra, coloca-se em cena o que se vai anunciar, numa certa sugestão de totalidade ou de resumo, uma vez que se trata de um título.

Recorte 1 (R1): “Cristianismo Puro e Simples” (Título da obra)

Seguem-se as paráfrases como o primeiro gesto de interpretação para posterior descrição e análise do recorte 1. Vejamos o que é permitido dizer, a partir das relações que funcionam nesse acontecimento de linguagem:

1' O cristianismo é puro

1'' O cristianismo é simples

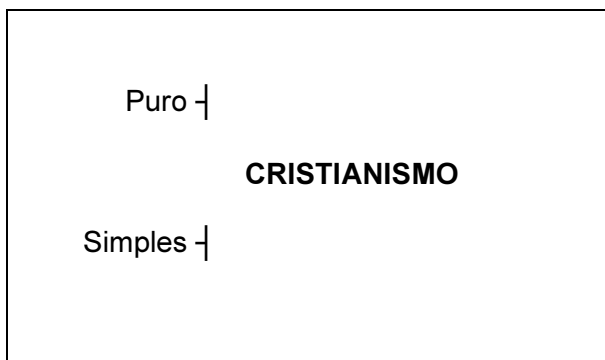
1''' O cristianismo puro é simples

1'''' O cristianismo simples é puro

### 1'''' O Cristianismo puro é Cristianismo simples

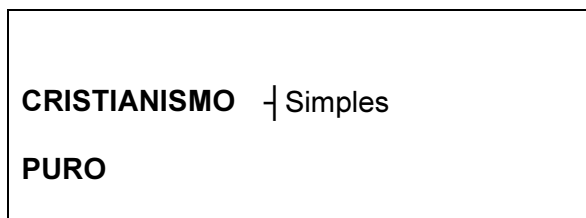
A partir desse movimento de análise, é possível perceber um procedimento de articulação muito particular formulado pelo sintagma nominal em questão: as palavras que qualificam, e fazem funcionar essa especificidade, estão numa relação de articulação posta pela conjunção “e”. Tomando a noção de predicação aí estabelecida, procuro representá-la pelos DSDs abaixo:

#### DSD1



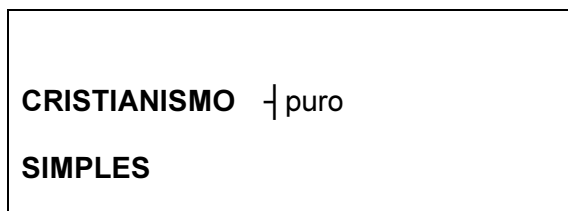
(Onde se lê: *cristianismo* é determinado por *puro* e é determinado por *simples*)

#### DSD2



(Onde se lê: *cristianismo puro* determina *simples*)

#### DSD3



(Onde se lê: *cristianismo simples* determina *puro*)

#### DSD4

<b>CRISTIANISMO PURO</b>		<b>CRISTIANISMO SIMPLES</b>
--------------------------	--	-----------------------------

(Onde se lê: *cristianismo puro* está em uma relação de sinonímia com *cristianismo simples*)

A primeira manobra analítica confirma a determinação de *cristianismo* por duas palavras que o predicam e isso nos permite pensar que há uma relação de sentido muito particular designando “cristianismo” como fora da suposta evidência de sentido, ou seja, como se referindo à memória de sentidos circulante para fazer funcionar a referência. Não se está falando, nesse acontecimento de dizer, de algo sobre o qual já se estabeleceu um sentido, mas, sobre um outro sentido, estabelecido pelas relações linguísticas que funcionam na enunciação. Esse funcionamento nos permite, assim, inferir um litígio de sentidos, isto é, *cristianismo puro e simples* pode significar diferentemente da palavra *cristianismo* (sem designação, enunciada isoladamente), compreendida a partir do memorável nas relações de sentido cristalizadas no acontecimento de linguagem em que esse nome é (foi) enunciado. Em outras palavras, parece haver aqui a tentativa de colocar em funcionamento outros (novos) sentidos para a palavra “cristianismo” à medida que esta palavra aparece articulada com “puro” e “simples”. Como Lewis anuncia na introdução de sua obra, o sentido de puro parece estar relacionado à ideia de imparcialidade. Isso poderá ser observado a partir do recorte 4 (R4) e seu respectivo DSD (DSD8).

Passamos agora às análises dos recortes retirados do prefácio.

Recorte 2 (R2) Não escrevo para expor o que poderia chamar minha religião, mas para explicitar o cristianismo “puro e simples” que é o que é e sempre foi. (p.4)

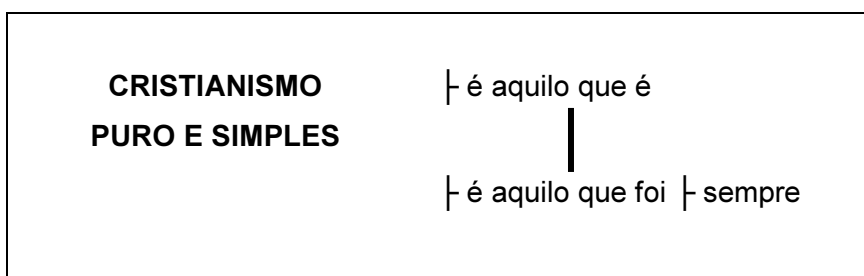
Seguem-se as paráfrases que permitiram a construção do DSD referente ao segundo recorte analisado:

R2' O cristianismo “puro e simples” que é o que é.

R2” O cristianismo “puro e simples” que é o que sempre foi.

R2''' Aquilo que é sempre foi.

## DSD5



(Onde se lê: *cristianismo puro e simples* é determinado por *é aquilo que é* e é determinado por *aquilo que foi* que está determinado por *sempre*, que por sua vez, funciona numa relação de sinonímia com *o que é*)

Observa-se que o verbo ser, sem algo mais que o predique, poderia ser tomado como verdade absoluta, como transparência absoluta e, por isso mesmo, como sendo da ordem de completa opacidade. Isso nos remete ao centro da questão da universalidade e da atemporalidade do sentido do Cristianismo.

O pronome “que” funciona nessas enunciações como possibilidade de abertura para outra predicação; trata-se de uma forma relativa determinativa que aponta para algo pré-construído em relação ao funcionamento do sentido.

## DSD6



(Onde se lê: *cristianismo puro e simples que é* está em uma relação de sinonímia com *cristianismo puro e simples que foi*)

O DSD5 nos permite pensar a partir da relação de determinação na qual “é” e “foi” determinam “cristianismo puro e simples”, porém, a palavra “sempre” determina a palavra “foi” e faz funcionar um sentido de invariabilidade,

ou constância na direção de sua designação. Essa relação coloca em hipótese a questão da direção que se estabeleceu anteriormente: trata-se do mesmo cristianismo ou de outro cristianismo?

Guimarães (2007) afirma que é importante observar que, embora não se considere de antemão nenhuma realidade a que as palavras se reportam, “há um real que a palavra significa e as palavras têm sua história de enunciação. Elas não estão em nenhum texto como um princípio sem passado” (GUIMARÃES:2007, p.81). O que é designado é uma construção de sentido, uma relação entre elementos linguísticos. Diferencia-se, assim, do que é referido, ou seja, aquilo que é particularizado por uma enunciação, segundo Guimarães (GUIMARÃES: 2007, p.82). Cada vez que se refere produzem-se significações. A designação, de acordo com essa perspectiva, então, não é um modo de apresentar a referência, assim como a referência não é externa ao sentido. Essa noção remeteu-me ao texto bíblico, que está em Êxodo, capítulo 3, versículos 13 e 14, que traz de modo bastante relevante o verbo “ser” designado em uma relação de sentido de forma fundamental para a compreensão de história dessa enunciação. Vejamos o texto:

Então, disse Moisés a Deus: Eis que quando vier aos filhos de Israel e lhes disser: O Deus de vossos pais me enviou a vós; e eles me disserem: Qual é o nome Dele? Que lhes direi? E disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU. Disse mais: assim dirá aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós. (ALMEIDA:2001, p.67)

Nesse texto, Deus identifica a si mesmo como “EU SOU O QUE SOU”, assim transcrito com letras maiúsculas, tal como a designação de um nome próprio, porém ainda mais enfático, pois todas as letras daquilo que está designado, nessa enunciação, como seu nome, estão maiúsculas. Nota-se a reescrituração de “EU SOU O QUE SOU” por “EU SOU” trazendo a direção de sentido para o verbo “ser”. A relação entre esses elementos linguísticos, assim descrita, permite pensar que, ao revelar seu nome divino, declaram-se suas características e seus atributos, fazendo funcionar o que é e não quem é. Vejamos agora o mesmo texto na versão apresentada pela Bíblia Judaica:



*Mosheh* disse a Deus: Quando eu aparecer diante do povo de *Yisra'el* e lhes disser: O Deus de seus ancestrais me enviou a vocês; e eles me perguntarem: Qual é o nome Dele? O que direi? Então, Deus disse: "*Ehyeh Asher Ehyeh*" [Eu sou/Serei o que Sou/Serei]. E acrescentou: "Eis o que você deve dizer ao povo de *Yisra'el*: *Ehyeh* [Eu Sou ou Eu Serei] enviou-me a vocês". (BÍBLIA:2010)

O nome em si, *Ehyeh*, é derivado do verbo hebraico "ser", mas também aparece designado em algumas versões bíblicas pela palavra "*yahweh*" (o nome da aliança de Deus) fazendo funcionar as condições em que foi dito pelo próprio Deus a Moisés. Moisés imaginou pessoas que perguntariam sobre o nome do deus que lhe apareceu, quando voltasse para seu povo e obteve a resposta: "Eu Sou enviou-me a vocês". Como o nome revelado de Deus. O título *Yahweh*, portanto, designa algo como: "Ele é" ou talvez "Ele traz a existência" levando a direção de sentido para a percepção de que ocorre a declaração de uma existência contínua e de sua presença permanente entre seu povo, que sob esse nome, o adoraria. Além disso, no Novo Testamento, outros textos fazem funcionar a ideia de que os cristãos entendem que o Senhor da aliança é Jesus Cristo e, assim, os atributos, que no Antigo Testamento eram designações de *Yahweh*, foram trazidos e aplicados a Jesus Cristo, conforme se lê no livro de Hebreus, capítulo 9:

Portanto, é Cristo quem consegue fazer uma nova aliança [novo testamento] para que os que foram chamados por Deus possam receber as bênçãos eternas que o próprio Deus prometeu. Isso pode ser feito porque houve uma morte que livrou as pessoas dos pecados que praticaram, enquanto a primeira aliança estava em vigor. Onde há um testamento, é necessário provar que a pessoa que o fez já morreu, pois só depois da morte dessa pessoa que o testamento tem valor. É por isso que a primeira aliança entrou em vigor somente com o uso do sangue de animais. A oferta do corpo de *Yeshua*, o cristo, em conexão com sua vontade, nos fez separados [*santus*] para Deus de uma vez por todas. (BÍBLIA:2011, p.1332)

Diante das considerações expostas até aqui, pode-se verificar o que está demonstrado no DSD6, do recorte 2, tratado acima, que nos remete a uma estreita relação de sentido, naquela enunciação, entre as formas de dizer o verbo "ser". Nele está que o "Cristianismo é" e que o "Cristianismo sempre foi",

tal como Deus, tal como a aliança original feita com os homens, ressignificada em Cristo e que permanece.

Passemos, agora, para os gestos de descrição e interpretação do recorte 3.

Recorte 3: O cristianismo puro e simples é como um saguão de entrada que se comunica com as diversas peças da casa. Porém, é nos cantos da casa, e não no saguão, que estão a lareira e as cadeiras e são servidas as refeições. O saguão é a sala de espera, um lugar a partir do qual se podem abrir várias portas e não um lugar de moradia. (R3) (p.12)

Seguem as paráfrases que permitem a construção do DSD referente ao recorte 3 (R3):

R3' O cristianismo é um saguão.

R3'' O saguão é uma peça da casa.

R3''' A lareira e as cadeiras são peças da casa.

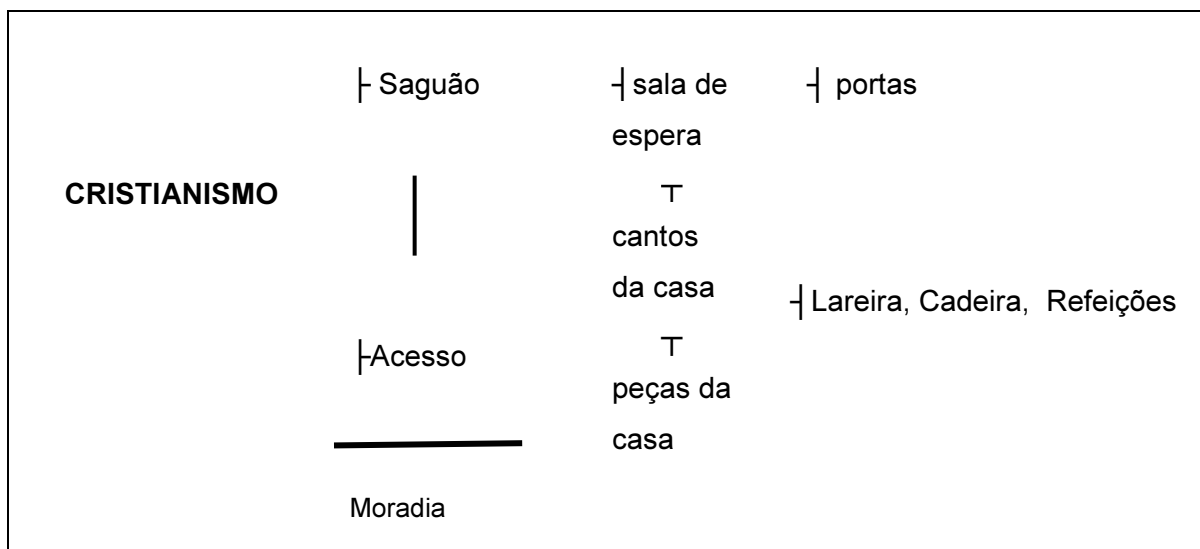
R3'''' Nos cantos da casa são servidas as refeições.

R3''''' O saguão é uma sala de espera.

R3'''''' O saguão é acesso.

R3''''''' O cristianismo é acesso.

## DSD7



(Onde se lê: “cristianismo puro e simples” é determinado por saguão que está em uma relação de sinonímia, interpretada como “acesso”, pois funciona também em uma relação de antonímia com “moradia”; “saguão” determina “sala de espera” que está, por sua vez, determinada por “cantos da casa” e “peças da casa”; “sala de espera” determina ainda o sentido “portas”; “cantos da casa” determina “lareira”, “cadeira” e “refeições”).

O DSD estabelecido, a partir das informações apresentadas pelas paráfrases, nos permite dizer qual é o funcionamento de sentido de “cristianismo puro e simples”, pois, essas relações irão constituir o sentido desse dizer. Essa forma de escrita torna possível verificar que ocorre um procedimento de expansão metafórica através do qual a expressão “cristianismo puro e simples”, e seu sentido, é reescriturada. Todo o texto é um modo de ampliar o que está dito pela palavra “saguão” que se coloca em uma relação de sinonímia com “cristianismo puro e simples” representada diretamente pela articulação em que está a conjunção “como”. Nota-se que a relação seguinte se dá entre saguão e “sala de espera” que é determinada por “cantos de casa”, onde estão a “lareira”, as “cadeiras” e onde são servidas as “refeições”. Ressalta-se que, se tomarmos a sequência: “lareira, cadeiras, refeições” haverá um movimento de condensação que se representa por

“cantos da casa” cujas “portas” ou acesso se faz pela “sala de espera” ou “saguão” que reescritura “cristianismo puro e simples”. Ocorre ainda uma elipse da palavra “saguão” que, se considerada, estabelece mais um movimento de ressignificação, em uma relação de antonímia com a palavra “moradia”. Isso nos permite compreender, pelo processo de definição estabelecido pelo funcionamento do verbo “é”, que predica essa palavra, que o “cristianismo puro e simples” é acesso, e que, portanto, não é chegada, não é destino, não é permanência. Poder-se-ia dizer, remetendo-nos ao que Cristo diz sobre si mesmo, que “cristianismo puro e simples” coloca em funcionamento, nessa relação enunciativa, o sentido de caminho, a saber, “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao pai senão por mim”, como está registrado no evangelho de João, capítulo 14, versículo 6. (ALMEIDA:2011 p.1090).

Pensando ainda nas relações expostas pelo DSD, tomo agora “cantos da casa” que determina “lareira”, “cadeiras” e “refeições”, considerando que “saguão” não está predicado por nenhuma dessas relações, mas, ao contrário, observa-se que seja somente o acesso para as “peças da casa”, uma vez que se reescreve como “sala de espera” e que reescreve “cristianismo puro e simples”, percebemos que o “acesso”, ou seja, o “cristianismo puro e simples”, conduz ou leva às peças da casa, isto é, à lareira, à cadeira e às refeições. Essas três palavras aparecem, então numa relação de expansão, enumeradas e significadas nesse dizer como as “peças”, ou seja, como constitutivas de algo maior, a “casa”, na qual o cristianismo se configura como acesso. A questão que se apresenta é: acesso para o que exatamente? Os limites da cena enunciativa não nos oferecem a relação de determinação que poderia indicar a direção para a compreensão desse sentido. Porém, é possível pensarmos na história das enunciações dessas palavras no contexto cristão especificamente.

Considerando essa nova perspectiva, para um gesto de interpretação, reporto-me aos seguintes dizeres, do livro de Deuteronômio, capítulo 5, versículo 4: “Face a face Deus falou conosco, no monte, no meio do fogo” (ALMEIDA:2001, p.193). Ora, lareira pode ser colocada numa relação específica de sentido como lugar em que se consome o fogo. O “acesso” à “lareira” pode ser compreendido pela relação de reescrituração na qual

“cristianismo puro e simples” leva ao fogo, ou seja, “ao lugar no qual Deus fala”.

Com a mesma perspectiva apresentada acima, pode-se compreender que “cadeiras” remete-nos ao sentido de lugar para sentar-se. São inúmeros os textos bíblicos nos quais essa direção leva a relação de sentidos exatamente como no seguinte texto: “Maria assentou-se com Jesus e ficou ouvindo o que ele ensinava” (ALMEIDA:2001, p.1043). Observa-se que o lugar de se sentar, para ouvir ensinamentos cristãos, pode ser interpretado como “cadeiras”, isto é, nessa “peça da casa” determinada por “cadeiras”, ouvem-se os ensinamentos cristãos.

Finalizo as considerações sobre as relações de sentido verificadas a partir do DSD em descrição com a palavra “refeições”, também determinada como “peça da casa”. Presume-se que o sentido dessa palavra remeta-nos ao ato de alimentar-nos, ou seja, ingerir o que nos pode dar sustento. Reforça-se essa interpretação com a observação de que é hábito doméstico. Alimentamo-nos em nossas casas, geralmente. Ou, em nossas casas, há um local destinado às refeições. Mais uma vez, podemos verificar a direção do sentido relacionando-o ao texto bíblico, no qual se lê: “Preparas um banquete para mim. Tu me recebes como convidado de honra e enches o meu copo até transbordar” (ALMEIDA:2001, p.549). Uma das “peças” é o local onde são servidas às refeições, portanto, o cristianismo nos dá acesso às refeições servidas em abundância por Deus, aos seus convidados de honra, segundo esses dizeres do Salmo 23.

Todas as relações demonstradas a partir do DSD7, e interpretadas pelas análises, tendo como entrada a palavra “cristianismo” funcionam ainda em uma relação de antonímia com a palavra “moradia”. Isso nos permite pensar que o “cristianismo” não é algo em si mesmo, ou seja, completo, habitável como uma casa, mas, sim, que está posto como passagem, porta, acesso a outro. Que sentidos são construídos na teia desses dizeres que nos chamam ao simbólico e que nos permitem pensar (imaginar) a respeito dos pontos, cuja ligação é o “acesso”, é o “saguão”, é o “cristianismo”. O que é, ou quem é, esse “outro” ao qual o saguão dá acesso? Até aqui, podemos pensar o “cristianismo” como uma porta, mas, sobre abrir essa porta e adentrar, nada podemos afirmar.

Vejamos, agora, o recorte 4 (R4):

Recorte 4: O ateísmo é simplista. Eu vou lhes falar de um outro ponto de vista igualmente simplista, que chamo de “cristianismo água-com-açúcar”. De acordo com ele, existe um bom Deus no céu e tudo o mais vai muito bem, obrigado – o que deixa totalmente de lado as doutrinas difíceis e terríveis a respeito do pecado, do inferno, do diabo e da redenção. Os dois pontos de vista são filosofias pueris. Não convém existir uma religião simples. Afinal as coisas do mundo real são complexas. (R4) (p.14)

No recorte que se lê acima, podemos considerar algumas relações que permitem propor paráfrases que podem descrever o gesto de interpretação e análise que será feito. A palavra “simplista” predica “ateísmo” e predica “cristianismo água-com-açúcar” e, desse modo, faz funcionar nesse dizer a noção de igualdade entre esses termos. Isso ainda se reforça pela expansão da predicação, feita em seguida pelo detalhamento, com o qual se procura esclarecer que “simplista” é dizer que há “um bom Deus no céu” e “tudo vai muito bem obrigado”. O tom dessas expressões é de que a questão não será expandida, mas terá o que se pode concluir como um encerramento pueril, ou “água-com-açúcar”.

Apresentam-se para a descrição desse recorte, a partir das relações apresentadas acima, as seguintes paráfrases:

R4' O ateísmo é simplista

R4'' O cristianismo água-com-açúcar é simplista

R4''' Coisas do mundo real são complexas

## DSD 8 (R4)

Ateísmo	
simplista   filosofia	
Cristianismo	pueril
Água-com-açúcar	

---

**CRISTIANISMO**

T

Coisas do mundo real

T

Doutrinas

T

Teorias difíceis e terríveis

T

Pecado

Inferno

Diabo

Redenção

(Onde se lê: “Ateísmo e Cristianismo-água-com-açúcar” são determinados por “simplista”, que, por sua vez, está em uma relação de sinonímia com “filosofia pueril”. O conjunto dessas relações de determinação funciona antonimicamente em relação a “Cristianismo”, que determina “coisas do mundo real” e determina “teorias difíceis”; “teorias difíceis” expande-se por determinar “pecado”, “inferno”, “diabo” e “redenção”)

As relações de determinação apontam para compreensão de que há uma expansão da palavra “cristianismo” em uma relação de determinação com “teorias difíceis”, uma vez que, “cristianismo água-com-açúcar” e “ateísmo”, compartilham a determinação de “simplista”; “pecado”, “inferno”, “diabo” e “redenção” os quais determinam “teorias difíceis” funcionam numa relação de oposição com “filosofia pueril”.

O DSD e o recorte nos permitem verificar que o “cristianismo” não é religião simples, pelo contrário, é complexo e oposto ao “cristianismo água-com-açúcar” e ao “ateísmo”, ambos determinados por filosofias pueris, as quais estabelecem, numa relação de explicação ou causa, o fato de que deixam de lado teorias difíceis que são o pecado, o inferno, o diabo e a redenção. Interpreta-se, portanto, que o cristianismo puro e simples diferencia-se ou especifica-se por tratar do que pode ser designado como teorias complexas, ou seja, trata do pecado, do inferno, do diabo e da redenção.

Gestos de interpretação como esses, demonstrados nas análises dos recortes acima relacionados, indicam a complexidade da questão em estudo: como se constitui, de fato, o cristianismo em Lewis? Que sentidos estão funcionando em meio às relações de sinonímia e antonímia por ele engendradas em seus dizeres. Para que direção de sentidos apontam as resscriturações que, por sua vez, ressignificam “cristianismo” em Lewis? Constantes movimentos analíticos percorrem suas enunciações e será necessário estabelecer pontes e rupturas para compreendermos os sentidos que se constituem por esse modo específico de enunciar. Como chamar simples, algo que funciona em uma relação de determinação semântica como complexo? Para pensar essa questão, trago outra relação. Proponho observar,



especificamente, o dizer transcrito abaixo que está no prefácio da obra em análise, no qual C.S.Lewis diz:

O maior perigo era o de apresentar como cristianismo comum algo específico da Igreja Anglicana, ou de mim mesmo. Preveni-me contra esse perigo enviando os originais dessa obra a quatro clérigos (um anglicano, um católico, um metodista e outro presbiteriano) pedindo suas opiniões. Chego à conclusão de que o livro conseguiu apresentar um cristianismo consensual, comum, central, ou simples. Nesse sentido, ele pode colaborar para refutar a tese segundo a qual, uma vez omitidos os pontos de disputa, restaria do cristianismo apenas um vago e minguado Máximo Divisor Comum. O MDC é algo positivo, pleno e tocante que se distingue das crenças não-cristãs por um abismo ao qual as piores divergências internas da cristandade não são de modo algum comparáveis. (LEWIS:2005 p.15)

Como se observa, a proposta, segundo as palavras do próprio o autor, é apresentar a centralidade da questão, ou seja, o que chama “simples” não é o cristianismo em si ou a “religião cristã”, mas o cristianismo observado pela investigação da perspectiva consensual entre a cristandade, ou seja, desvendando o seu “MDC”. Isso desloca o sentido de “simples”, tal como funciona no título da obra em questão, conforme pensado anteriormente, pela posição antonímica em relação a “teorias difíceis”. A direção do sentido, aproximando os dois recortes, remete-nos ao fato de que o Cristianismo é complexo e que falar a respeito dele, nessa obra específica, se dará a partir de perspectiva de sua centralidade, ou seja, de modo que esteja em funcionamento o essencial (simples).

A próxima manobra analítica se fará com o recorte 5, transcrito abaixo.

Recorte 5 (R5) O cristianismo concorda com o dualismo em que o universo está em guerra, mas discorda que seja uma guerra entre forças independentes. Considera-a antes uma guerra civil, uma rebelião, e afirma que vivemos na parte do universo ocupada pelos rebeldes. Um território ocupado pelo inimigo — assim é este mundo.

Seguem-se as paráfrases:

R5'O mundo é universo em guerra.

R5''A guerra é entre forças independentes.

R5''' A guerra civil é uma rebelião.

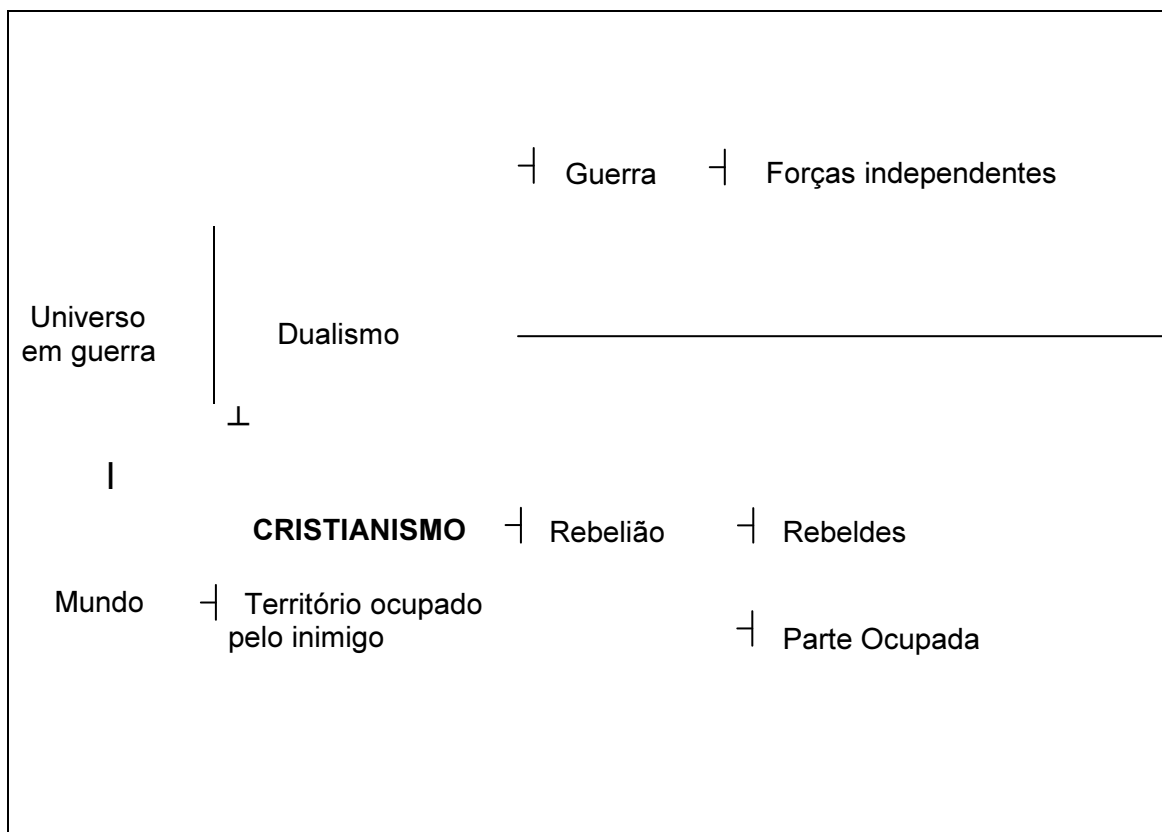
R5''''O território do mundo é ocupado pelo inimigo.

R5'''''O mundo é dualismo.

R5''''''O Cristianismo é dualismo.

R5''''''' O Cristianismo é rebelião.

DSD do R5



(Onde se lê: “Cristianismo” é determinado por “dualismo”, que por sua vez está em uma relação de sinonímia com “universo em guerra” e com “mundo”;

“Dualismo” determina “guerra” e determina “rebelião”, mas, antonimicamente, pois “guerra” determina “forças independentes” e “rebelião” determina “rebeldes” e “parte ocupada”, que por sua vez, é determinada por “território ocupado” que é determinado por “mundo” e “rebelião” é determinado por “cristianismo”).

Conforme mostra o DSD acima, “Dualismo” condensa a perspectiva da qual se pode observar a direção de sentido da palavra “cristianismo”, nos dizeres de C.S.Lewis, no recorte analisado. Uma vez estabelecidas as relações de determinação entre “universo”, “mundo” e “território ocupado”, conforme demonstra o DSD, estabelece-se o litígio entre “guerra” e “rebelião” pela relação de antonímia. “Guerra” determina “forças independentes” e “rebelião” determina “rebeldes” e “parte ocupada”, ou seja, o dualismo no qual se inscreve o “cristianismo” é aquele que aponta para uma espécie de resgate do “mundo”, sendo este determinado pela relação de reescrituração por substituição como “território ocupado pelo inimigo”. O Cristianismo, portanto é apresentado como uma espécie de contexto de rebelião, num mundo tido como território ocupado por rebeldes. O que nos remete a disputa política e ao litígio de sentidos entre as posições confrontantes. Indaga-se: quem são os rebeldes? Quem pode ser colocado nessa posição e o que pretende? Quem é o inimigo? Como se constitui, a partir dessa visão, o sujeito cristão? É ele o rebelde de quem se fala? Para buscar essa compreensão é necessário que, no fio do dizer, se reconheçam outros apontamentos, outras relações de determinação que nos permitam pensar essas possibilidades e avançarmos na direção do sentido que está funcionando nessas enunciações como texto entre textos.

O DSD seguinte mostra, por desenvolvimento e enumeração, outros modos de reescrituração, que ligam pontos do texto com o mesmo texto em questão.. Observe-se, então, como se constitui a relação metafórica entre “cristianismo” e “história”, no recorte que se segue.

Recorte 6(R6) O cristianismo é a história de como o rei por direito desembarcou disfarçado em sua terra e nos chama a tomar parte numa grande campanha de sabotagem. Depor as armas, render-se, pedir perdão, dar-se conta de que tomou o caminho errado, estar disposto a recomeçar uma vida

nova do zero – só isso pode nos tirar do buraco. Esse processo de rendição, movimento de marcha ré a toda velocidade, é o que o cristianismo chama de arrependimento. Significa matar uma parte de si mesmo e submeter-se a uma espécie de morte. (p.60)

Seguem-se as paráfrases:

R6' O cristianismo é história de um rei cujo território foi ocupado por rebeldes.

R6'' O cristianismo é processo de rendição.

R6''' O cristianismo é arrependimento.

R6'''' O cristianismo é uma espécie de morte.

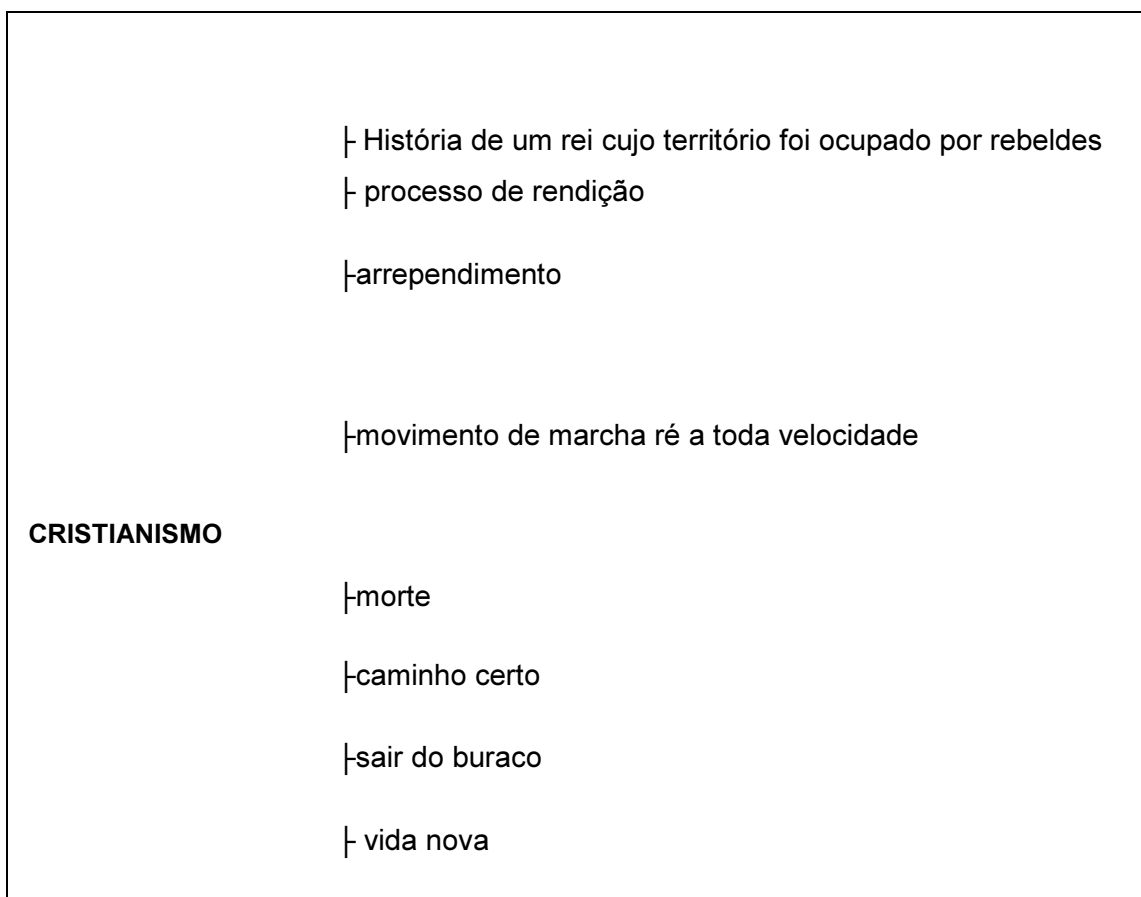
R6''''' O cristianismo é dar-se conta de que tomou o caminho errado.

R6'''''' O cristianismo é sair do buraco.

R6''''''' O cristianismo é começar uma vida nova do zero.

R6'''''''' O Cristianismo é movimento de marcha ré a toda velocidade.

Os recortes e as paráfrases nos permitem a construção do seguinte DSD:



(Onde se lê: “cristianismo” é determinado por “história de um rei cujo território foi ocupado por rebeldes”; é determinado por “processo de rendição”; é determinado por “arrependimento”; é determinado por “movimento de marcha ré a toda velocidade”; é determinado por “morte”; é determinado por “caminho certo”; é determinado por “sair do buraco”; é determinado por “vida nova”)

Conforme demonstra o DSD acima, as relações de determinação apontam para a direção de sentido na qual Cristianismo é reescrito como processo de rendição. Nesse processo, configuram-se os elementos que atuam na composição de uma história cujo enredo é descrito em sua espacialidade

(mundo/território), sua temporalidade (foi ocupado /sair do buraco/ vida nova) sua actoridade (um rei/rebeldes) e seu desfecho, antecedido pela condição sem a qual não haveria a própria história (morte). A palavra “processo”, funcionando nesse acontecimento como determinada por “rendição”, nos permite observar uma relação bastante interessante com as palavras “saguão” e “acesso”, presentes no recorte 3 e descritas pelo DSD 7. Nessa relação, conforme a análise daquele recorte, ocorre um procedimento de expansão metafórica, que dialoga com os dizeres do próprio Cristo, segundo a Bíblia, “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim” (ALMEIDA:2011, p. 1090) O “processo” pode ser compreendido como o caminho do qual se fala e a vida, que reescritura o próprio Cristo em seu dizer, ressignifica “morte”, por sua vez determinada pelo “processo de rendição”. Em outras palavras, a “rendição” e a “morte” de Cristo apontam para sentido simples e central do Cristianismo: são o processo, o meio pelo qual se determinam o caminho certo, a vida nova, o retorno à Deus.

O DSD mostra que, por desenvolvimento e enumeração (sendo esses outros modos de reescrituração), os dois recortes se completam e permitem observar como se constitui a relação metafórica entre “cristianismo” e “história”. É nesse ponto que a teia de sentido se condensa através das relações de determinação estabelecidas com e pela palavra “cristianismo” possibilitando a compreensão a respeito dos elementos sagrados: rendição, perdão, arrependimento, morte e nova vida sobre os quais se fundamentam os relatos bíblicos. É possível pensar que toda a unidade bíblica, ou seja, os elementos que permitem reunir os testamentos, antigo e novo, estejam costurados nas teias dessa “história”. “História de um rei cujo território foi ocupado por rebeldes...” cujo nascimento foi declarado pelos profetas da nação hebraica, séculos antes de seu nascimento, conforme se lê no livro de Isaías:

E o Senhor viu que ninguém havia e maravilhou-se que não houvesse um intercessor, pelo que o seu próprio braço lhe trouxe a salvação e sua própria justiça o susteve. Assim, “virá um redentor a Sião e aos que se desviarem de sua transgressão em Jacó”, diz o Senhor. (Is:59:16, 20)

De acordo com esse texto bíblico, o profeta Isaías declara que Deus, o Senhor, observando espantado que não houvesse quem intercedesse pela salvação no meio de seu povo, providenciou para que, dele mesmo, fosse enviado um redentor. Esses dizeres se reescrevem no livro de outro profeta hebreu, Zacarias, conforme se pode observar: “Alegra-te muito Jerusalém, eis que o teu Rei virá a ti, justo e salvador, pobre e montado em um jumento.” (Zc:9:9) Ainda sobre esse tema, também o profeta Jeremias declara: “Eis que vem dias, diz o Senhor, que enviarei um Renovo justo; sendo Rei, reinará e praticará o juízo e a justiça na terra”. (Je: 23:5)

Dentre os evangelhos, ou seja, os quatro livros iniciais do Novo Testamento, ocorrem modos de narrar bastante diferentes, sobretudo para o início dos relatos que se propõem contar, “a história de um rei”. Mateus é o primeiro e segue o sistema legal judaico ao dar a genealogia pelo pai, mesmo que José, fosse pai apenas por adoção. Pode-se compreender por esse modo de proceder, que seu objetivo tenha sido demonstrar continuidade entre o AT e Jesus, uma vez que a linhagem ali se encontrava como fonte documental para aquele povo. Marcos, o segundo evangelista, inicia seu texto citando o profeta Isaías: “Como está escrito no profeta Isaías...” (Mc:1:2). Tal procedimento atesta a relação entre os textos. O evangelista Lucas inicia seu relato com um prefácio, no qual esclarece o objetivo de sua escrita:

Tendo, pois, muitos empreendido por em ordem a narração dos fatos que entre nós se cumpriram, segundo nos transmitiram os mesmos que os presenciaram, desde o princípio e foram ministros da Palavra, pareceu-me também a mim conveniente descrevê-los por sua ordem havendo-me já informado minuciosamente de tudo desde o princípio para a certeza das coisas. (Lc: 1:1,4)

O quarto e último evangelista, João, apontado como “o discípulo que Jesus amava” (Jo:13:23), que pertencia ao círculo íntimo de Jesus (Mt: 17:1), escolheu não seguir a sequência cronológica dos eventos. O livro apresenta

Jesus como único Filho de Deus que se tornou carne. Para João, a humanidade de Jesus parece significar essencialmente uma missão dupla: como cordeiro de Deus, trazendo a redenção para a humanidade; e como aquele que revela Deus aos homens, através de sua vida e de seus ensinamentos. Observa-se isso nos seguintes dizeres: “E o verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória, a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade.” (Jo1:14) Quanto à questão de que Jesus revela Deus aos homens, escreve: “Deus nunca foi visto por alguém, O Filho Unigênito, que está no seio do Pai, este o fez conhecer.” (Jo:1:18)

Há ainda a se mencionar, como relevante para essa análise, a relação que João estabelece entre o AT (Antigo Testamento) e o NT (Novo Testamento), conforme se pode ler: “Porque a lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade, por Jesus Cristo”.

Os textos bíblicos apresentados correspondem aos sentidos, percebidos até aqui, que funcionam nas relações de determinação estabelecidas a partir das paráfrases dos recortes da obra de C. S. Lewis e dos respectivos DSDs que as descreveram. O modo com está significado o Cristianismo é compreendido como retomada, reescrituração, ressignificação dos relatos proféticos e evangelísticos a respeito de Jesus Cristo. O rei da história de Lewis, que poderia ser compreendido como metáfora, ou até mesmo simples alegoria, agora, ganha outros sentidos, aponta para uma outra face do dizer, a perspectiva de que a cristandade, de fato, tem um rei, segundo seu estatuto máximo, a Bíblia Sagrada.

Outro aspecto a ser observado é a relação de determinação em que “cristianismo” determina “sair do buraco”, conforme demonstra o DSD acima. Que sentidos funcionam na teia desse dizer? De que buraco é preciso sair? Para compreender essa forma muito particular de enunciação, é preciso retomar o próprio texto de Lewis, uma vez que ele mesmo faz funcionar, em uma relação de expansão, o sentido dessas expressões, além disso, apresentam-se outras formas de enunciar que fazem funcionar a mesma direção de sentido conforme se verifica:



Fomos absolvidos do castigo porque Cristo se ofereceu para ser castigado em nosso lugar. A primeira vista parece uma teoria bastante tola. Se Deus estava disposto a nos perdoar, por que não nos perdoou de antemão? Por que castigou um inocente no lugar dos culpados? Se pensarmos o castigo na acepção policial ou judicial da palavra, isso não teria sentido. Se pensarmos numa dívida, é muito natural que uma pessoa, possuindo bens, salde os compromissos daquela que não os possui. Quando uma pessoa cai num buraco, o problema de tirá-la de lá, geralmente, recai sobre os ombros de um amigo. Em que tipo de buraco caíra o homem? Ele procurara ser autossuficiente e se comportara como se pertencesse a si mesmo. Em outras palavras, o homem decaído não é simplesmente uma criatura imperfeita que precisa ser melhorada, é um rebelde que precisa depor as armas. (LEWIS: 2005, p.75)

Para prosseguirmos à análise, tomemos o próximo recorte.

Recorte 7 (R7): Esse arrependimento, essa entrega voluntária à humilhação e a um tipo de morte, não é algo que Deus exige de nós para que nos aceite de volta, ou algo que pode nos livrar se assim decidir. É simplesmente uma descrição de como é o próprio retorno a Deus. Infelizmente, em nosso estado atual, precisamos da ajuda de Deus para fazer algo, que pela sua própria natureza ele nunca faz: render-se, sofrer, submeter-se e morrer.

Para este recorte, as seguintes paráfrases e o DSD abaixo.

R7' O arrependimento é entrega voluntária.

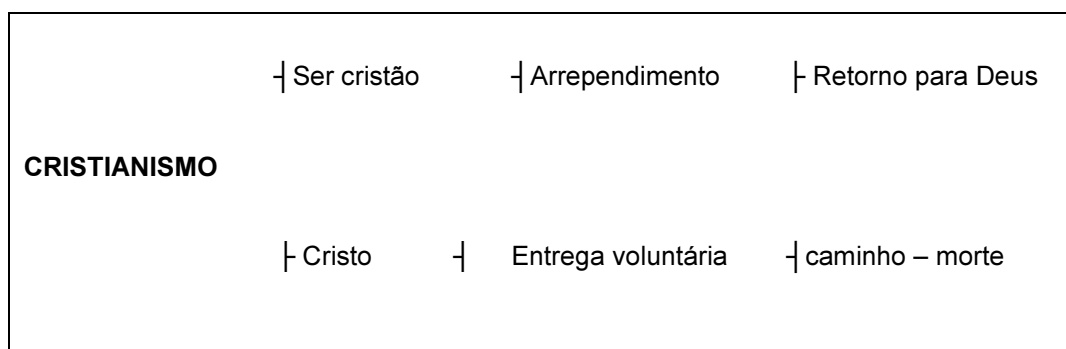
R7'' O arrependimento é um tipo de morte.

R7''' O arrependimento é retorno a Deus.

R7'''' Arrepende-se é ser cristão.

R7'''''' O Cristianismo é o caminho para Deus.

R7'''''' Cristo é Deus



(onde se lê: “Cristianismo determina “ser cristão” e é determinado por “Cristo”; “ser cristão” determina “arrependimento” e determina “retorno a Deus”; “Cristo” determina “entrega voluntária”, que por sua vez, determina “morte”“.)

Conforme o recorte e o DSD mostram, o Cristianismo significa o próprio Cristo que se entrega voluntariamente e percorre o caminho da morte com o objetivo de realizar a rendição pelos cristãos, ou seja, ser cristão é arrepender-se e retornar a Deus pelo único caminho possível que é a entrega voluntária à morte perfeita realizada pelo seu próprio filho, “o rei cujo território foi ocupado por rebeldes”. Morte entendida como perfeita porque é entrega voluntária daquele que é justo “é o rei e o território é dele”, e se rende no lugar dos injustos, “dos rebeldes”.

As descrições, considerações e análises até aqui apontam como relevante, para a compreensão da direção de sentidos, considerar o texto bíblico que se lê a seguir:

Verdadeiramente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores tomou sobre si; e nós o reputamos como aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi ferido pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e, pelas suas pisaduras, fomos sarados. Todos nós andamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu caminho, mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos. (...) O trabalho de sua alma verá e ficará satisfeito, o justo, justificará a muitos, porque as iniquidades deles levará sobre si. (Is: 53: 4,11)

Conforme o texto, tomando sobre si enfermidades, dores, transgressões, sendo ferido, moído, pisado, castigado, com esse “trabalho”, justificou, ou seja, tornou justo, aquele que não o era, em outras palavras, a “ovelha desgarrada”, que trilhava o seu próprio caminho, a rebelde. Isso concorda com as enunciações de Lewis e nos permite compreender os aspectos reunidos em torno de suas afirmações sobre o Cristianismo, uma vez que se encontram fundamentados teoricamente, ou seja, filiam-se em seu sentido, ao que se lê na Bíblia.

Seguem-se os próximos recortes:

Recorte 8 (R8): A estrada que mais precisamos ser guiados por Deus é uma estrada que Deus, em sua própria natureza, nunca trilhou. Suponha que Deus se torne homem. Suponha que nossa natureza humana seja amalgamada com a divina na forma de uma pessoa. Essa pessoa poderia nos ajudar. Poderia submeter-se a vontade de Deus, sofrer e morrer porque seria um humano. Poderia fazer tudo isso e poderia fazer perfeitamente porque, concomitantemente seria Deus. (...) Cristo entregou-se à submissão e humilhação perfeitas: perfeitas porque era Deus; submissão e humilhação porque era homem. (p.77, 80)

Abaixo, as paráfrases que o recorte nos permite elaborar:

R8' Deus é o guia da estrada.

R8" Deus é homem.

R8'" Uma pessoa é homem e é Deus.

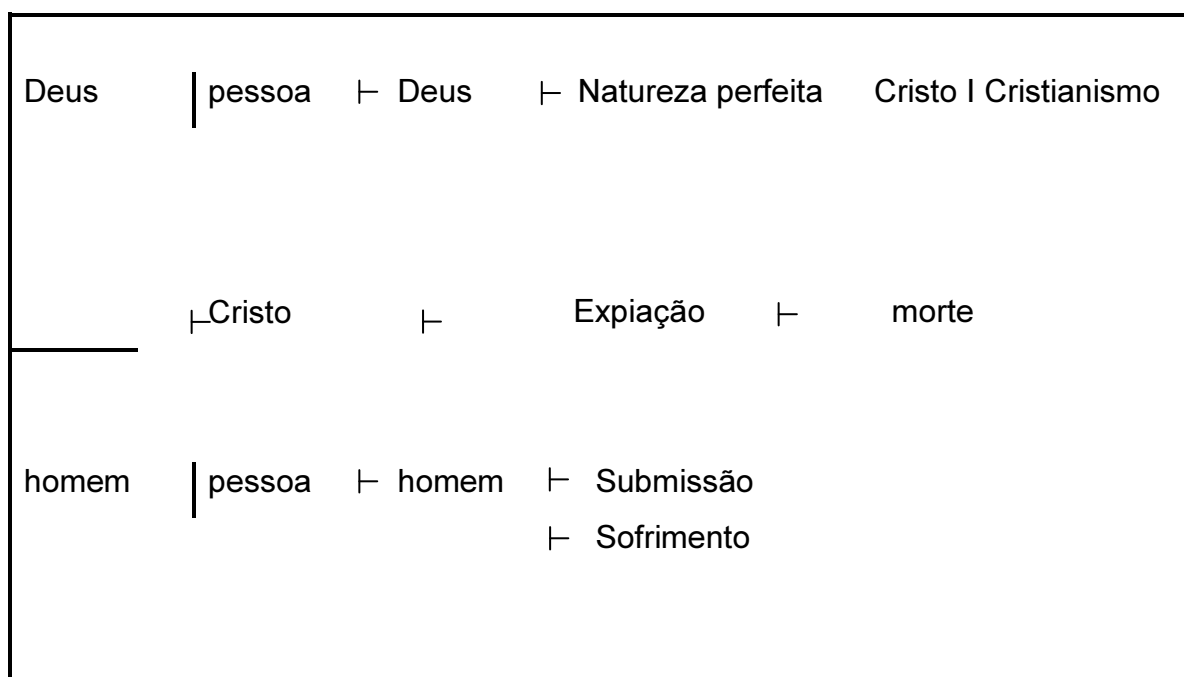
R8''''A natureza do homem é submeter-se, sofrer e morrer.

R8'''''' A natureza de Deus é perfeita.

R8'''''''' Cristo é Deus.

R8'''''''''' Cristo é homem.

.As paráfrases acima permitem elaborar o seguinte DSD:



(Onde se lê: “Deus” está em uma relação de antonímia com “homem” e ambos estão em uma relação de sinonímia com “pessoa”; “pessoa” por sua vez, é determinada por “Deus” e é determinada por “homem”; “Natureza perfeita” determina “Deus” e é determinada por “Cristo”, que está numa relação de sinonímia com “Cristianismo”; “submissão”, “sofrimento” e “morte” determinam “homem” e estão em uma relação de sinonímia com “expição” que se relaciona sinonimicamente com “Cristianismo”)

A relação de determinação que coloca em posição antonímica a natureza (atributos) de deus e a natureza (condição) do homem. “Deus” determina “não se arrepende”, determina “não sofre”, determina “não morre”; interpretados como elementos constitutivos da natureza divina. Em oposição,

“homem” determina “render-se”, determina “sofrer”, determina “submeter-se” e determina “morrer”, elementos constitutivos da natureza humana ou, pensando na relação de determinação entre os textos anteriores (R5 e R6) e esse texto, da condição do homem “rebelde”, o qual necessita “depor as armas” e “render-se”. Mas, mesmo nessa relação de incompatibilidade entre naturezas distintas, “deus” determina “uma pessoa”, expressão que por condensação, reescreve “deus” e “homem” e está predicada por “natureza amalgamada”, fazendo significar o que não estava significado, ou seja, que essa “natureza amalgamada” é que determina “retorno a deus”, a única possibilidade, pois, para arrepender-se e sacrificar-se seria preciso dispor das predicções humanas, e fazê-lo em submissão perfeita, por vontade própria, só seria possível para a natureza divina. Esse gesto de interpretação confirma-se, através da consideração de que, com a relação de totalização, demonstrada no DSD abaixo, determinam-se no recorte 8, as partes analisadas anteriormente.

Recorte 9 (R9): A submissão perfeita, o sofrimento perfeito e morte perfeita não foram somente mais fáceis para Cristo porque ele era Deus; só foram possíveis porque ele era Deus. Essa é minha própria maneira de ver o que o Cristianismo chama Expição. (p.79)

R9' O Cristo é Deus.

R9'' O Cristianismo é expiação.

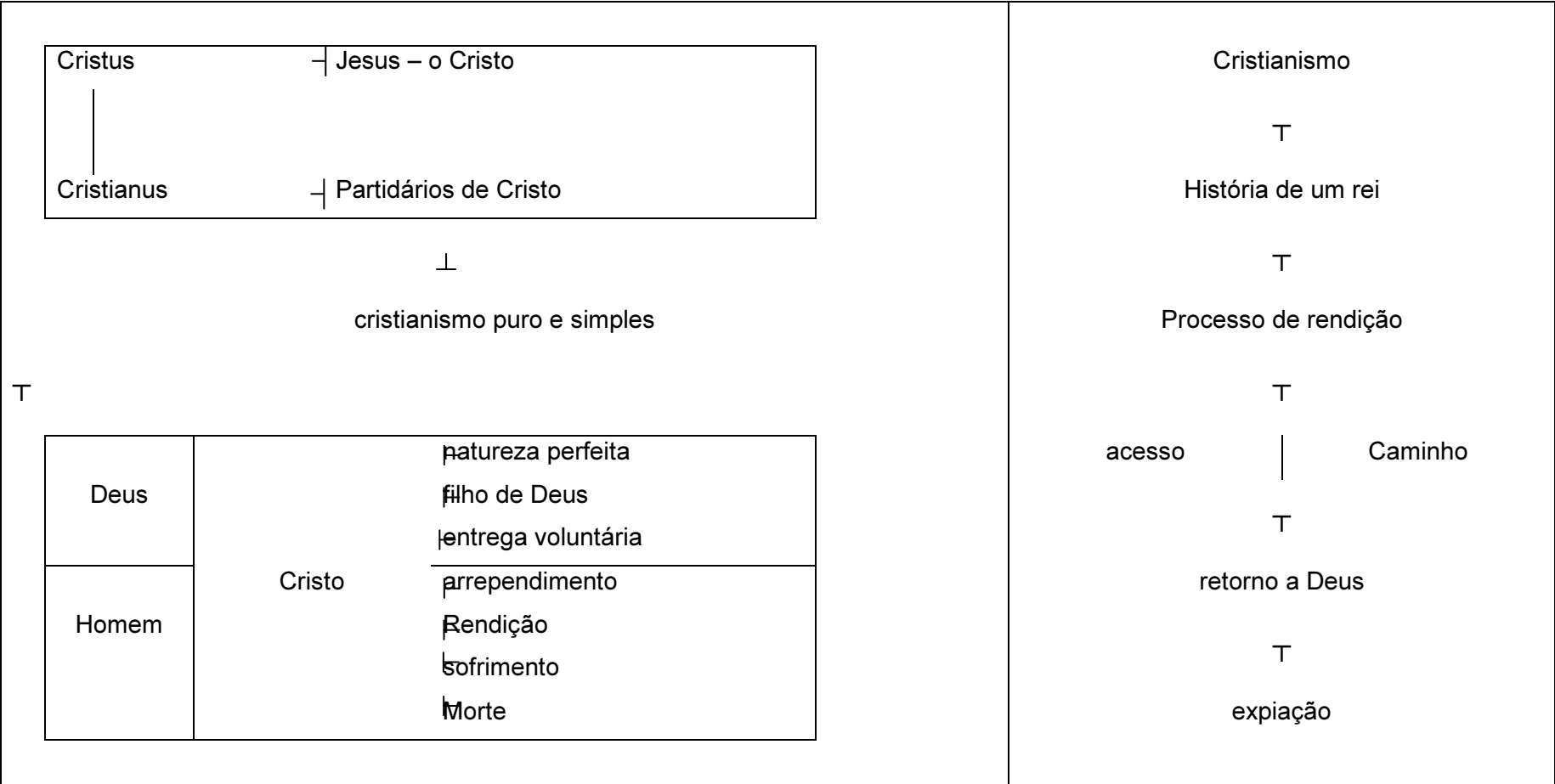


(Onde se lê: “Deus” está em uma relação de sinonímia com “Cristo” que, por sua vez, determina o sentido de “Cristianismo” que está em uma relação de sinonímia com “expiação”, que, por sua vez, determina “morte”).)

As relações de determinação apresentadas nos permitem a compreensão de que o Cristianismo, em Lewis, apresenta-se como resgate e traz uma descrição de como é o possível o processo de retorno à Deus. Nessa perspectiva, o homem tem de se arrepender e é a sua natureza que o impede de fazê-lo. Deus pode ajudá-lo, Cristo, Filho de Deus, nascido como homem, torna-se capaz de realizar os efeitos próprios das duas naturezas, ou da natureza amalgamada que se formou entre ambas. Vejamos, a fim de que se possam confirmar essas direções, nas palavras do próprio autor, outras formas de expressar essa relação:

Quando ensinamos uma criança a escrever, seguramos sua mão, ajudando-a a desenhar as letras. Para o professor é fácil escrever e é essa facilidade que o habilita a auxiliar a criança. Se ele fosse rejeitado com a desculpa de que essa tarefa “é fácil para adultos” e a criança quisesse aprender com outra criança igualmente analfabeta (o que anularia qualquer vantagem injusta), o progresso dela não seria lá muito rápido. (LEWIS:2005, p. 79)

DSD FINAL



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um homem pode jantar sem saber exatamente como os alimentos o nutrem. Da mesma, pode aceitar a obra de Cristo sem entender como ela funciona; aliás, é certo que, para entendê-la, tem de aceitá-la primeiro. (LEWIS: 2005)

Deus esgota-se na densidade infinita do tempo e do espaço para tocar a alma e cativá-la. Se de modo puro e completo ela permitir ser arrancada dali, então Deus a conquistará. A alma, começando pelo extremo oposto, faz a mesma viagem que Deus faz na direção dela. E assim é a cruz. ( SIMONE WEIL: 1986)

Esta reflexão procurou compreender a questão das relações de sentido tomando, para tanto, como elemento fundamental, o funcionamento da linguagem na enunciação, no acontecimento do dizer, na relação palavra/palavra, nos recortes da obra “Cristianismo puro e simples”, cujo autor é Clive Staples Lewis, recortes nos quais a expressão “Cristianismo” aparece. Encontrar esses recortes e estabelecer como guias as suas descrições constituíram-se o fundamento dessa atividade de pesquisa, de busca pela compreensão da direção de sentido apontada pelo fio do dizer. Dois apontamentos se fazem necessários para que se possa expor as considerações finais desse trabalho. Primeiro, conforme demonstra Guimarães em seus estudos, podemos tratar a análise de texto de modo objetivo se partirmos de procedimentos de descrição bem delineados, articulados a um procedimento que oriente o processo de interpretação e baseados em posições teóricas claras e concernentes ao texto. (GUIMARÃES: 2011, p.141) Foi o que se procurou realizar, procedendo conforme a filiação teórica, como semanticista, na perspectiva da Semântica do Acontecimento e seus procedimentos de descrição e análise dos objetos pertinentes a sua proposta. O segundo ponto a ser observado, considerando também conforme Guimarães, (GUIMARÃES:2007) é a presença do locutor caracterizando o



funcionamento linguístico historicamente por um agenciamento próprio do acontecimento de enunciação. Dessa forma, estabeleceram-se muitas referências e a intertextualidade pertinente a essas questões tratadas pelo próprio autor em outros textos que escreveu, além dos aspectos concernentes às condições de produção desses textos.

Seguindo nessa perspectiva e retomando os movimentos de análise realizados a partir de diferentes Domínios Semânticos de Determinação (DSD), percebemos que a palavra “Cristianismo” aparece como expressão referencial definida no título da obra em questão, porém, porque é predicada por “puro” e por “simples”, confronta o pressuposto de que “Cristianismo” é uma expressão plenamente conhecida. A representação dos modos de dizer o “Cristianismo”, já nos primeiros movimentos de descrição, aponta para a diferença entre o que é puro e o que não o é, e entre o que é simples e o que não o é. Certamente, para Lewis, não foi uma tarefa simples apresentar o que ele mesmo afirma no prefácio da obra, ser um “cristianismo consensual”. Impõe-se a questão da centralidade do cristianismo, que permite a predicação “puro”, pela forma como o conteúdo desse livro foi originalmente divulgado: programas de rádio sobre a fé cristã, ministrados entre 1942 e 1944. Observou-se que essa predicação está relacionada ao fato de que esses dizeres não estão filiados a denominações cristãs específicas, como o catolicismo, o protestantismo, o anglicanismo, ou às doutrinas que professam, por exemplo. Esses dizeres não se valem ainda de filosofias, ou estudos teológicos acadêmicos. São um trabalho de literatura oral dirigido a um povo em guerra. Essas considerações nos permitem imaginar quão insólito devia ser ligar o rádio – que a todo o momento noticiava mortes e destruição incomparáveis -- e ouvir um homem falar, de forma inteligente, bem-humorada e profunda sobre um comportamento digno e humano, sobre a conduta leal, sobre a importância da distinção entre o caminho certo e o errado. Retomo a informação de que Lewis foi chamado pela BBC para explicar aos seus conterrâneos no que os cristãos acreditavam em pleno cenário de conflitos armados e bombardeios sobre a cidade de Londres. Que efeito suas metáforas tiveram sobre os ouvintes de sua época? A imagem do mundo como território ocupado pelo inimigo, conforme descrita e analisada a partir do DSD do recorte 6, desperta fortes associações com o referido contexto. “O problema somos nós”, insistia Lewis. (LEWIS:2005, p.25) A

geração ímpia e perversa da qual falavam há séculos os profetas do Antigo Testamento, é também a nossa. Somos nós os rebeldes que se apresentam no mesmo recorte. Os enunciados, que foram analisados nesse trabalho, em seu conjunto, apresentam o que para Lewis é a condição humana: rebeldes, que devem depor as armas, devem se render, devem se arrepender e devem tomar o caminho de volta. Falando unicamente com a autoridade da experiência de leigo e ex-ateu, Lewis disse aos ouvintes da rádio que o motivo pelo qual fora selecionado para explicar o Cristianismo para a nova geração era o de não ser ele um especialista no assunto, mas, antes, um amador, um iniciante, não uma mão calejada. (LEWIS: 2005, p. 26). Confidenciou a amigos que aceitara a tarefa porque acreditava que a Inglaterra, que passara a se considerar como parte do mundo pós-cristão, nunca tinha aprendido de fato, em termos simples, em que consistia o Cristianismo. (LEWIS:2006).

A partir do recorte 3, a direção de sentido aponta para esse, que seria o aprendizado do que é, então, o Cristianismo em termos simples. O funcionamento das relações de reescrituração nesse recorte indica a forma como o Cristianismo se significa através da metáfora “saguão” (acesso) em oposição, determinada por uma relação antonímica, com “moradia” (permanência). Entendido não como fim em si mesmo, mas com acesso oportuna, abre-se a direção do sentido, incita-se a ideia de uma busca, de um percurso e de um destino ou chegada.

O recorte 4 é marcado por outro confronto, outro litígio de sentidos, na reescrituração de Cristianismo. Desta vez, a partir das relações de predicação em que funcionam as expressões “simplista” e “complexo”. O “Ateísmo” e o “Cristianismo-água-com-açúcar” compartilham a mesma determinação: “simplista” e “filosofia pueril”, enquanto “Cristianismo puro e simples” faz eco com “coisas complexas do mundo real” e com “teorias difíceis”, as quais estão determinadas por “pecado”, “inferno”, “diabo” e “redenção”. Essa análise permite dizer que, perceber a complexidade que constitui o Cristianismo, significa tratá-lo com maior acuidade, significa trazê-lo a luz de certa reflexão não pueril. Essa compreensão se confirma a partir das paráfrases do recorte 5 que apresentam o “dualismo” como condição do mundo, e propõe que se faça uma distinção pontual entre “guerra” e “rebelião”. Significado como território de um rei ocupado por rebeldes, o Cristianismo é reescrito como “história”. Essa situação

de extrema complexidade expande-se em um detalhamento do enredo e das personagens que atuam nesse conflito.

Chega-se, então, ao "processo de rendição" determinado pelo "arrependimento" e pela "morte". Nesse ponto, a narrativa construída a partir da metáfora de um rei cujo território foi ocupado por rebeldes, se encontra com os elementos sagrados do Cristianismo que se condensam na palavra "expição". Não sem antes, conforme permitem dizer as análises dos recortes 6 e 7, afirmar ser impossível para a condição humana, sem o auxílio do próprio Deus, percorrer o caminho da rendição perfeita. Nos recortes 8 e 9, aparecem a "submissão perfeita", a "morte perfeita" de Cristo porque é homem e porque é Deus. Aí se encontra o sentido de Cristianismo, pelo qual essa reflexão buscou: Deus e homem, cujas naturezas apresentam-se amalgamadas em Cristo, realizam o sacrifício que permite o retorno do homem, em sua condição de rebelde, a Deus. O círculo de determinações se fecha com o apontamento de que o Cristianismo é o único "acesso", pois reescreve o que disse Jesus, O Cristo: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vai ao Pai senão por mim". (Jo:14:6)

Assim sendo, as análises puderam mostrar que os sentidos de Cristianismo em C. S. Lewis retomam a história de enunciações dessa palavra, no sentido de retomar sentidos já ditos, mas amplia sua significação. Em outras palavras, o Cristianismo apresentado por esse autor aparece ressignificado, não apenas pelas condições de produção de seus dizeres, mas, principalmente, pela própria posição de Lewis diante da fé comum aos que se podem chamar cristãos, ou seja, o "mero" Cristianismo. Mero, no sentido de sua centralidade, de recair sobre o que é essencial, o que se poderia distinguir do não-cristão, por exemplo. Nas palavras do autor: "É no centro da religião, onde habitam seus verdadeiros filhos, que cada comunhão cristã se aproxima das outras em espírito, mesmo que não em doutrina." (LEWIS:2005 p.16) Isso sugere que nesse centro existe algo ou alguém, que, apesar de todas as divergências da fé, de todas as diferenças culturais, de toda uma história de litígios e perseguições mútuas, fala com uma só voz.

Tem-se assim, portanto, no funcionamento dessa enunciação, a noção de que, ao ressignificar a palavra cristianismo, o autor desloca sentidos cristalizados, estereotipados, dogmáticos, que se associam a palavra

cristianismo. Faz funcionar a centralidade do sentido que essa palavra traz em sua própria constituição, ou seja, Cristo. O cristianismo puro e simples, o cristianismo imparcial, independente de qualquer filiação religiosa, é o que funciona predicado por puro. Esse cristianismo de que Lewis fala independe de qualquer fidelidade dogmática a denominações cristãs; está voltado para a simplicidade da origem de sua nomeação: Jesus, O Cristo, ainda que seja constituído pela complexidade das ideias que contam sua história. É esse o ponto de partida e chegada a ser compreendido em toda história dessa palavra, de suas enunciações. É Jesus, O Cristo, que se faz conhecer pelo funcionamento enunciativo da palavra cristianismo nos dizeres de C. S. Lewis. O percurso muito particular de sentidos, que se procurou mostrar com essa pesquisa, põe em questão o alcance dos estudos linguísticos, ou seja, traz a noção de como a linguagem pode entrar em aspectos de ordem conceitual, da história dos conceitos, que hoje se dissolvem em certos imediatismos. Esse trabalho escolheu como fatos linguísticos relevantes, como questões pertinentes, o que toca no universo de valores. Como a linguagem pôde entrar nesse aspecto? Estudos linguísticos têm esse alcance. Tratar com DSD permitiu tomar a determinação de que há outros cristianismos, ou seja, outros modos de fazer funcionar a direção de sentido no campo do conceito. Trata-se de perceber os movimentos de sentido produzindo seus efeitos, indicando novos, outros percursos.

## REFERÊNCIAS

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral I**. Tradução Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri; revisão Isaac Nicolau Salum. 4 ed. Campinas: Pontes, 1995a. (volume I)

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral II**. Tradução Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri; revisão Isaac Nicolau Salum. 4 ed. Campinas: Pontes, 1995b. (volume II)

BÍBLIA. Português. **Bíblia de estudo pentecostal**. Tradução João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1995. 2030 p.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de estudo plenitude**. Tradução João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2001. 1632 p.

BÍBLIA. Português. **Bíblia judaica completa: o tanakh (AT) e a b'rithdashah (NT)**. Tradução do original para o inglês David H. Stern; tradução do inglês para o português Rogério Portellla e Celso Eronides Fernandes. São Paulo: Vida, 2010. 1630 p.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada: com enciclopédia bíblica ilustrada**. Tradução Susana Klassen e Vanderlei Ortigoza. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011. 1398 p.

BRÉAL, M. **Ensaio de semântica: ciência das significações**. Tradução Aída Ferrás, Eduardo Guimarães, Eleni Jacques Martins e Pedro Souza. 2 ed. Campinas: RG, 2008.

BUTTERWORT, G. M.; INSTONE-BREWER, D.; FRANCE, R. T.; GILLINGHAM, S.; MILLARD, A. R.; TAYLOR, J. B.; TRAVIS, S.; WITHERINTON, B. **Manual bíblico SSB**. Tradução Lailah de Noronha e Sociedade Bíblica do Brasil. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

DOWNING, D. C. S. **Lewis: o mais relutante dos convertidos**. Tradução Almiro Pisetta e Fernando Dantas. São Paulo: Vida, 2006.

FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. 2 ed. São Paulo: Ática, 2005.

GUIMARÃES, E. **Análise de texto: procedimentos, análise, ensino**. Campinas: RG, 2011.

GUIMARÃES, E. Domínio semântico de determinação. In: GUIMARÃES, E.; MOLLICA, M. C. **A palavra: forma e sentido**. Campinas: Pontes, 2007

GUIMARÃES, E. Enunciação e história. In: GUIMARÃES, E. (Org). **História e sentido na linguagem**: incluindo texto de Michel Bréal. 2 ed. Campinas: RG, 2008.

GUIMARÃES, E. **Os limites do sentido**: um estudo histórico e enunciativo da linguagem. 4 ed. Campinas: RG, 2010.

GUIMARÃES, E. **Texto e argumentação**: um estudo de conjunções do português. 4 ed. Campinas: Pontes, 2007.

LEWIS, C. S. **As crônicas de Nárnia**. Tradução Paulo Mendes Campos e SilêdaSteuernagel (A última batalha). 2 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

LEWIS, C. S. **Cartas a uma senhora americana**. Tradução Lenita Esteves. São Paulo: Editora Vida, 2006.

LEWIS, C. S. **Cartas de um diabo a seu aprendiz**. Tradução Juliana Lemos. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

LEWIS, C. S. **Cristianismo puro e simples**. Tradução Álvaro Oppermann e Marcelo Brandão Cipolia. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LEWIS, C. S. **Milagres**. Tradução Ana Schaffer. São Paulo: Vida, 2006.

LEWIS, C. S. **O peso da glória**: mensagens para o homem moderno. São Paulo: Vida, 2001a.

LEWIS, C. S. **Os quatro amores**. São Paulo: Mundo Cristão, 2001b.

LEWIS, C. S. **Surpreendido pela alegria**. São Paulo: Mundo Cristão, 2001c.

NELSON, T. **Dicionário Vine**: o significado exegético e expositivo das palavras do antigo e novo testamento. Tradução Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2010. 1115 p.

OLIVEIRA, S. E. de. **Cidadania**: história e política de uma palavra. Campinas: Pontes, 2006.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 10 ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.

THIBON, Gustave. **A gravidade e a graça**. Tradução Equipe da ECE. São Paulo, ECE, 1986.

YANCEY, P. **O Deus (In)Visível**: como se relacionar com um Deus que não podemos ver, ouvir e tocar. Tradução Yolanda M. Krievin. São Paulo: Vida, 2001.

